

A GRANDE AVENTURA



LUIZ ANTONIO FERREIRA QUENTAL

A Grande Aventura

Luiz Antonio Ferreira Quental, O.F.S.

Dedicatória

*Dedico este livro aos meus filhos Pedro e João
e a minha querida esposa Maria Cristina*

Apresentação

Essa vida passa rápido, os momentos bons são esquecidos e se perdem no tempo. É comum que as pessoas deem valor a vida, a sua existência e por esse motivo correm desesperadamente em busca do trabalho e com isso pagam um preço muito alto, pois tentando manter a vida acabam-na perdendo. Trabalhava todas as noites desde que terminei a faculdade em 1984. Chegava em casa cansado e frustrado por ter ficado longe de minha família. Trabalhava durante o dia consertando aparelhos eletrônicos e a noite dava aulas de matemática em uma escola local. Gostava do que fazia, dava prazer, mas estava pagando um preço muito alto. Resolvi parar a vida, não pense que foi fácil, mudar de vida é sempre difícil desafiador, entretanto houve um empurrão. Um certo dia quando estava voltando das aulas sofri um assalto quando estava levando um amigo de trabalho em sua casa. Levaram-nos e depois de um tempo circulando com o carro nos deixaram bem longe ao longo da estrada. Desde então comecei a pensar e valorizar mais a vida e a minha família e resolvi parar de dar aula.

Ficando em casa começou uma nova experiência com os meus filhos, tinha mais tempo para brincar com eles, assistir TV, jogar vídeo game, e fazer o que eles mais gostavam... queriam ouvir histórias. No começo inventava histórias e ficavam atentos, davam opiniões, seguramente viviam plenamente, entravam na história. Mas eram histórias curtas e variava de um dia para o outro até que... Uma bela noite estava inspirado e comecei a narrar uma história que não terminava no dia, tinha uma continuação no dia seguinte. Interessante que

ficavam na expectativa, esperavam ansiosos a chegada da noite para ouvir a continuação da história. E assim foi por meses.

Dessa forma esse pequeno livro tomou forma, sempre no dia seguinte escrevia o que era narrado na noite anterior. Interessante que não pensava de antemão o que ia contar para eles, tudo tomava forma no momento presente, era fantástico e eu me emocionava com eles e também esperava o momento de estarmos juntos, sonhando juntos e vivendo essa grande aventura.

Juntos caímos de avião em uma floresta, encontramos seres indígenas, seus costumes, sua vida. Juntos exploramos a floresta, montanhas, cavernas, rios... Juntos encontramos com seres de outro planeta e viajamos pelo céu.

Sem dúvida foi uma grande aventura e não me arrependo de ter passado esses momentos com eles. Foi muito bom, divertido, prazeroso ; sem dúvida algo que dinheiro algum pode pagar. Fui feliz com eles e essa aventura marcou a nossa vida para sempre.

Por esse motivo escrevi esse livro, tentei marcar nessas linhas um momento muito importante da minha vida e assim compartilhar com você. Desejo de coração que esse exemplo, essa história seja vivenciada por muitos pais e novamente esse momento sublime, mágico seja revivido em seu lar.

O mais importante não é a historia que aqui esta contida, mas sim o estar juntos em torno de uma história. Que ela seja novamente um motivo para se unirem e viverem juntos novamente uma grande aventura...

Que a Paz esteja com você e a sua família!

Luiz Antonio Ferreira Quental

Prefácio

É maravilhoso ver esta emocionante história agora sob a forma de um livro. Sem dúvida, estas páginas estão envolvidas por uma aura de emoções, as emoções que vivenciamos juntos, meu pai, meu irmão e eu, enquanto ele nos contava esta história.

Lembro-me das brincadeiras que eu e meu irmão fazíamos durante o dia... muitas vezes inspiradas nos acontecimentos da história que meu pai contara na noite anterior... lembro-me perfeitamente de como aguardávamos ansiosamente a noite chegar, para na hora de dormir, naquele momento mágico, juntos partirmos para fascinantes viagens nas histórias que o pai contava.

Sinto muito em ver como hoje as pessoas tão rapidamente se esquecem de como sonhar, se esquecem da imaginação. Como as crianças tão rapidamente deixam de sonhar para se tornarem prisioneiras dos paradigmas e ilusões do mundo.

Certa vez Jesus disse:

"Deixem as crianças virem a mim. Não lhes proibam, porque o reino de Deus pertence a elas. Eu garanto a vocês: quem não receber como criança o Reino de Deus, nunca entrará nele." (Lucas 18, 16-17)

De fato, precisamos voltar a olhar para o mundo com o olhar de uma criança, com o coração puro e reta intenção. Há uma chance de melhorarmos o mundo em que habitamos, para assim vivermos o Céu aqui na Terra, como Jesus desejou e nos ensinou; mas para isso precisamos sonhar mais, e acreditar em nossos sonhos.

Os pais geralmente se preocupam muito com seus filhos, querem lhes dar o que há de melhor; infelizmente muitas vezes se esquecem do que há de mais importante, o amor! ... sua companhia carinhosa, e por que não algumas boas histórias...

Nisto, verdadeiramente somos infinitamente gratos aos nossos pais, por seu amor e ternura; procurando sempre se espelharem na Sagrada Família; para que, longe dos traiçoeiros laços do mundo e das ilusões da matéria, pudéssemos buscar verdadeiramente a Deus e assim sonhar com um mundo novo... onde: *“A verdade e o amor se encontrarão, a justiça e a paz se abraçarão” Sl 84(85), 11*

Através destas histórias, de símbolos que entendemos pela linguagem do coração, meu pai nos deu o maior e mais precioso presente que um pai podeira dar a seus filhos: o verdadeiro amor, ele nos levou a conhecer pela nossa própria linguagem o amor de Jesus, nos ensinou a sonhar e a seguir os nossos sonhos.

Quem dera todos os pais tivessem boas histórias para contar a seus filhos... que pudessem passar mais tempo sonhando juntos...

Espero que esta história possa encantar a muitos, sejam pais, filhos ou avós... afinal, todos temos no fundo uma criança sonhadora; capaz de amar e de nos conduzir à liberdade verdadeira, capaz de nos fazer viver como seres de luz, como filhos e filhas de Deus.

Pedro Estevão Quental

A VIAGEM

Cap. I

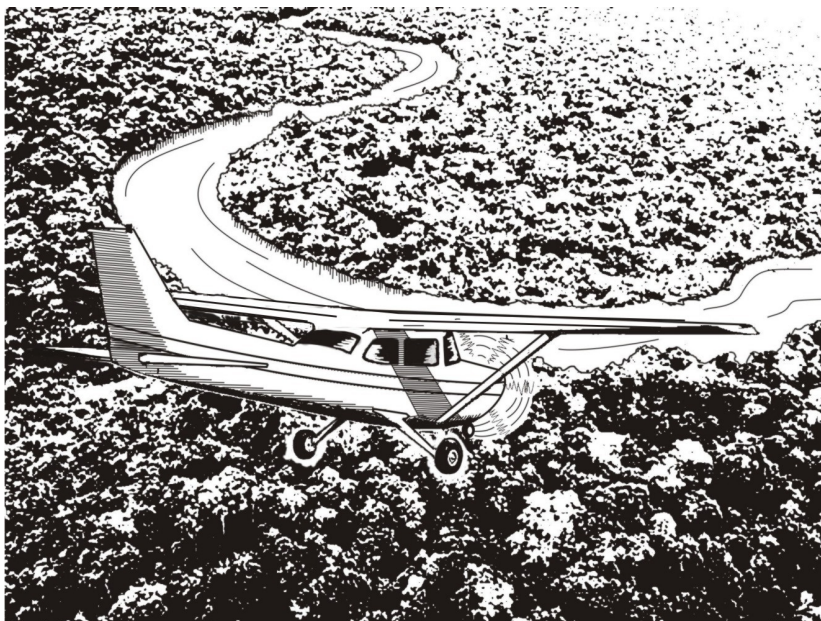
O vôo parece normal no primeiro trecho da viagem. Pouso para reabastecer depois de três horas e quarenta minutos de vôo. Maria está exausta e quer descansar um pouco mais para depois seguir viagem; eu, porém, já acostumado a longos períodos pilotando o meu Cessna 172, não me encontro cansado, mas a pedido da minha esposa vamos passar o resto da tarde e a noite nesse lugar.

Mas, afinal, você deve estar perguntando, para onde nós estamos indo?

Bom, a história é longa...

Eu, além de piloto, sou arqueólogo e ao sobrevoar há dois anos atrás a região Amazônica, reparei um pequeno sinal de uma suposta cidade perdida. Marquei bem a posição no GPS e prometi a mim mesmo voltar à região o mais breve possível para pesquisar o achado. Passaram então dois anos de economia e muita preparação para a grande aventura, partimos para o momento mais inesquecível de nossas vidas. Maria está ansiosa para colocar os pés na cidade perdida, pois é antropóloga e conhece, ou melhor, estuda já há alguns anos os idiomas dos indígenas do Brasil. Apesar da falta de dinheiro para efetuar tal aventura, nos preparamos muito bem para que o evento tenha sucesso e assim, voltarmos com segurança.

Ao amanhecer partimos rumo ao desconhecido...



Teve início o último trecho da viagem. Sei que será o mais perigoso, pois há dias sobrevoamos o inferno verde e a partir da posição em que nos encontramos, não existe mais comunicação, estamos isolados do mundo, os radares não mais conseguem detectar a nossa presença, o rádio emudeceu já há horas, sobrou apenas a bússola e o GPS para navegarmos.

Passamos afinal pelo ponto em que não existe volta: se acontecer alguma falha na aeronave, o caminho é a morte certa. Vou explicar melhor por que não existe volta: a região é fechada pela mata, não tem ponto onde podemos descer com segurança e o combustível que resta no Cesna 172 não é o bastante para voltarmos ao último ponto de reabastecimento. Portanto, o caminho é seguir em frente até alcançarmos uma pequena aldeia que fica a quase noventa minutos de voo.

Finalmente a viagem está chegando ao fim, e a cidade perdida em breve poderá ser vista. Mais trinta minutos de voo

chegaremos à aldeia e a partir desse lugar o caminho é seguir a pé até o ponto marcado no GPS, mas o inesperado acontece; o motor do Cesna começa a perder rotação; de 2500 RPM cai para 1500 RPM e nessa rotação o avião não mantém altura e a queda é certa. A primeira providência é procurar um lugar para pouso, mas como achar um lugar limpo para um pouso seguro? Impossível numa mata fechada como a Amazônica! Por sorte a rotação volta ao normal e rapidamente eu acelero e tento retomar a altura inicial, mas a felicidade dura pouco, novamente a rotação cai para 1500 RPM, e a queda inicia, só que dessa vez a rotação desce ainda mais e a perda de altura é mais rápida. Quando tudo indica morte certa, o motor volta a funcionar normalmente e mais uma vez a altura é retomada.

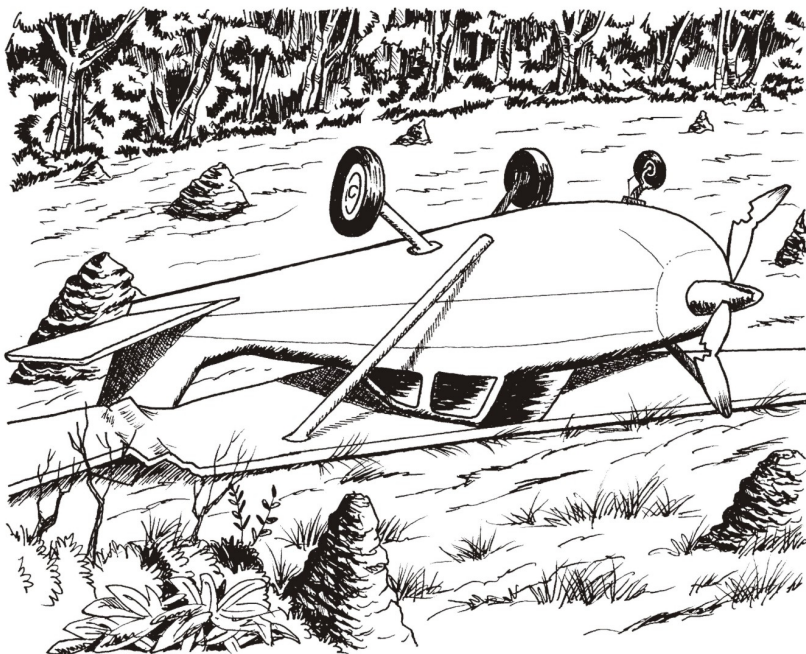
Passaram-se mais quinze minutos e mais uma vez a rotação cai e por fim o motor pára definitivamente; a queda é certa.

Como estamos com uma altura razoável, o planeio é suave e a busca por um lugar para pouso é intensa. Maria, com muita sorte, avista ao longe um lugar sem árvores e indica-me rapidamente. Está longe, mas com sorte e a ajuda do vento que se encontra a meu favor, poderemos chegar e tentar um pouso seguro.

Iniciei o cheque de descida: combustível cortado, *full-flape* acionado, parte elétrica desligada, objetos cortantes fora do corpo, porta e janelas abertas e cintos passados. Enfim tudo está pronto, só resta rezar e manter a calma.

O ponto de pouso se aproxima. Maria inclina-se sobre as pernas e eu tento fazer o melhor possível. Quando tudo parece bem... O vento pára de repente e com isso o avião perde altura mais rápido e a descida segura parece impossível. O tempo pára, um minuto equivale há uma hora, mas é necessário manter a calma mesmo sabendo que a possibilidade de morte certa está logo à frente.

Com o máximo de cuidado conduzo o avião em direção às árvores mais baixas. Com ajuda da sorte uma rajada de vento de frente mantém altura por mais tempo, com jeito consegui passar as últimas árvores e o pouso final inicia. Levanto o nariz do avião o máximo possível, mantendo assim o vôo em condição de pré-estol. Quando o toque aproxima, novamente levanto levemente o nariz do Cesna e o toque é efetuado; começa a rolagem em mato espesso, por fim um inesperado cupim rompe a bequilha e o avião piona parando finalmente, mas de rodas para cima. Chegou o fim.



A noite vem e a vida não se manifesta na aeronave. O impacto foi muito forte levando-nos à beira da morte. O tempo passa e quando o sol se põe no horizonte Maria acorda, solta com muito cuidado o cinto de segurança e volta-se para liberar-me. Eu estava bem, mas com um grave ferimento na testa. Aos

poucos retomo a consciência e preparamo-nos para passar a noite. Felizmente estamos salvos, tivemos muita sorte, mas o avião..., nem tanto; sem condições de vôo, rádio quebrado e GPS inoperante. Estamos salvos, mas como manter a vida nessa mata e ainda por cima, feridos?

A minha primeira providência foi fazer fogo para espantar os animais que podem trazer algum perigo para nós. Em seguida armei uma pequena barraca bem próxima do avião, pegamos os suprimentos de reserva e depois de uma pequena refeição colocamo-nos a dormir para recuperarmos as forças.

Quando estamos começando a dormir, escuto um barulho como de um animal se aproximando. O medo toma conta de nós. O que fazer para espantar essa criatura? Resolvi aumentar o fogo para afugentar o possível animal e esperar ansioso o resultado. Mas, o barulho aumenta, a criatura se avizinhava ainda mais, o jeito é se esconder dentro do avião até que o perigo vá embora.

O tempo passa e a ansiedade cresce em vista do perigo eminente que se apressa. Não há mais o que fazer a não ser esperar.

O barulho vem da cauda do avião, é difícil ver alguma coisa, pois é uma noite escura sem luar, mas Maria avista uma pequena luz. O que será aquilo? O medo cresce, essa aventura torna-se um verdadeiro terror. Perdidos no meio desse inferno e sem nenhuma perspectiva de retorno com segurança para casa.

O ENCONTRO

CAP. II

Aos poucos o barulho vai aumentando e a luz se encontra cada vez mais perto. Nesse momento percebo que não se trata de um animal, mas pode ser pior, talvez uma tribo indígena desconhecida! A expectativa continua.

Realmente são pessoas que se aproximam, e o primeiro da fila grita bem alto:

— *Tem alguém por aí?*



Enfim a ansiedade diminui. Não são indígenas, pois falam a nossa língua. Quem são então?

Sáímos lentamente do avião e nos dirigimos ao encontro dos novos personagens.

— *Boa noite!* — Falou o líder do grupo.

Fiquei muito admirado e feliz. Finalmente estamos salvos, pensei e, depois de um breve espaço de tempo, respondi:

— *Boa noite, estamos muito contentes em vê-los, pensamos que esse fosse o final da nossa aventura; sem vocês certamente estaríamos mortos. Mas, afinal, quem são vocês? De onde vieram? Como conseguiram nos achar nesta floresta?*

São tantas perguntas, mas quase nada é respondido.

— *Calma, meus amigos!* — Disse o estranho — *No momento, o que eu posso dizer para vocês é que a nossa aldeia fica a um dia de viagem a pé e que o meu nome é Tóro. Por enquanto vamos comer alguma coisa e descansar o resto da noite. Amanhã bem cedo iremos em direção à aldeia e somente lá irei contar toda a nossa história : quem somos, de onde viemos, como achamos vocês e muito mais. O que eu posso adiantar é que a aventura de vocês está apenas começando e que voltar para a civilização é impossível.*

Ao amanhecer, depois de um breve café, desarmamos o acampamento e partimos rumo à aldeia.

A mata é extremamente fechada, o calor intenso e os insetos numerosos. Na verdade realmente estamos atravessando um inferno verde. Mas a presença daqueles seres estranhos aos poucos vai transformando o inferno em um paraíso.

Tóro, ao perceber que os insetos estão nos incomodando e muito, vem ao nosso encontro e nos entrega um pequeno recipiente com um líquido verde e diz para o espalharmos pelo corpo. Fizemos como ele nos ensinou e a

surpresa foi grande: os insetos param de nos incomodar e o calor que era intenso fica mais suave.

Maria não se contém e me diz baixinho:

— *Com um produto desse na cidade ficaremos ricos!*

Mas ao mesmo tempo eu refleti: Voltar como? É impossível! Estamos muito longe da civilização.

Depois de oito horas de caminhada sem descanso, Tóro resolve parar para descansarmos um pouco.

Montamos acampamento para recuperarmos as forças, Maria está exausta, não agüenta andar mais um metro.

Tóro percebendo a nossa situação e, apesar da aldeia estar relativamente próxima, resolve permanecer ali acampado e continuar a viagem ao amanhecer.

Disse ele:

— *Amanhã continuaremos e com sorte chegaremos à aldeia para o almoço.*

Depois de banharmo-nos numa cachoeira próxima do acampamento, voltamos, e Tóro com seus amigos aguardavam-nos com uma farta refeição ao lado da fogueira.

Mas, nós estamos impacientes e repletos de perguntas; a nossa paciência chega ao fim. Eu sou o primeiro a desabafar e logo digo:

— *Afinal, quem são vocês? Para onde estão nos levando?* E depois de uma breve pausa, continuei:

— *Como vamos sair deste lugar?*

Com muita calma e mansidão, Tóro responde com sabedoria dando a perceber que já nos conhecia há muito tempo. Foi assim:

— *Bem, meus amigos, vou apenas dar o início de uma longa história que em breve vocês irão conhecer por completo. Como eu disse, apenas o início, pois o tempo é curto e temos que dormir cedo; amanhã ainda caminharemos todo o dia.*

Mas, para satisfazer a curiosidade, tenho que relatar a vocês que eu conheço a sua sociedade, de onde vocês vieram e, como notaram, eu sei a língua de vocês e todos os seus costumes. Já visitei vários estados do Brasil muitas vezes, ou melhor dizendo, a América do Sul, do Norte e a Central, a África e a Europa, enfim eu já fui a quase todas as partes do mundo e presencio diariamente todos os avanços tecnológicos e todos os fracassos da sociedade. Entretanto, meus amigos, é praticamente impossível sair desta selva com vida!

Depois dessa breve explicação fez-se um silêncio mortal. Nós esperávamos que Tóro fosse continuar, mas a espera foi em vão. Depois de um breve espaço de tempo, Maria pergunta:

— A sua explicação foi muito vaga. Como você pode conhecer uma sociedade, ou melhor, o mundo todo, quando você mesmo diz que é impossível sair deste lugar?

Tóro sorri e depois responde com muito carinho:

— Eu sei que para vocês tudo isso parece ser apenas um sonho, uma ilusão, talvez um pesadelo que não tem fim, mas é a verdade pura e simples. O que eu posso dizer a vocês neste momento é que a verdade que conhecem não é a verdade que eu conheço, o mundo que vocês vivem não é o mundo em que eu estou vivendo. Vocês vivem em um mundo onde a matéria impera e é voltado exclusivamente para o eu, o egoísmo. Nós vivemos para o todo, junto ao mundo espiritual onde tudo é possível.

Mais uma vez o silêncio se fez. Não ousamos fazer mais perguntas, pois as respostas são muito profundas e longe de serem entendidas neste momento.

Tóro percebendo a interrogação que cai sobre nós, volta a falar:

— Já é tarde e precisamos descansar. Amanhã chegaremos à nossa aldeia e ali finalmente poderemos

conversar com mais tempo e assim vocês irão entender o nosso mundo. Agora, porém, vamos dormir.

A ALDEIA

Cap. III

Ao amanhecer, a caminhada logo toma o seu início. É definitivamente o último trecho da viagem e a expectativa da chegada e as possíveis descobertas, vêm trazer para nós um novo ânimo para o fim desta jornada.

As horas passam e finalmente Tóro anuncia:

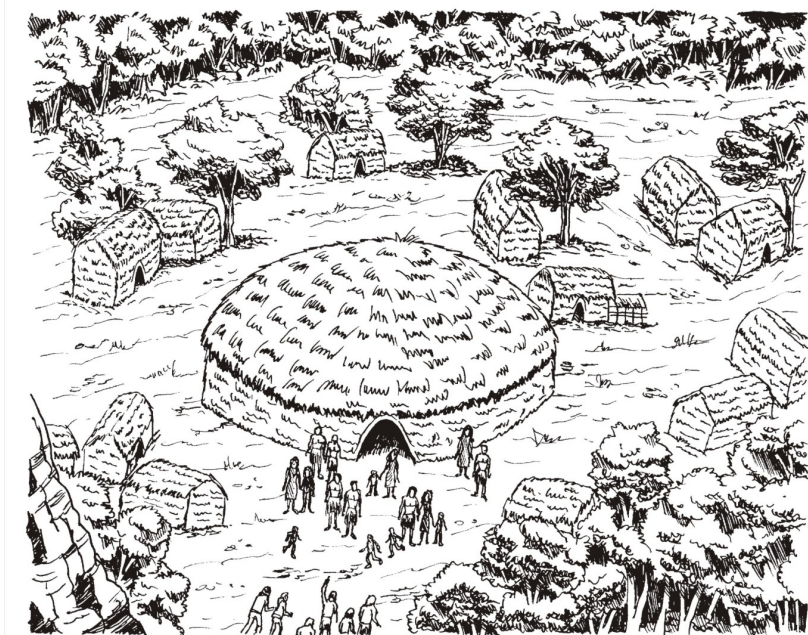
— *Estamos chegando! Mais alguns minutos e estaremos entrando na aldeia!*

Realmente está próximo o destino da nossa aventura. A mata é espessa e úmida e nesse momento o último morro vai ser deixado para trás e, com sorte, avistaremos a aldeia. A sorte está do nosso lado, pois o tempo está limpo, sem névoa.

O lugar parece mágico, árvores enormes rodeando esse pequeno vale onde se encontra a aldeia, e os pássaros anunciam a chegada do grupo fazendo uma grande festa. Ao longe avistamos algumas crianças que correm alegremente ao nosso encontro; chegamos ao coração da mata, ao povo mais distante da nossa civilização.

Todos estão esperando a chegada do grupo com grande festa e expectativa, o que é facilmente observado nos olhos de todos os indígenas. Nesse momento eu imagino mil perguntas: Por que tanto aguardam a nossa vinda? O que nós significamos para aquele povo? Como sabiam da nossa presença? Perguntas e mais perguntas que logo terão uma boa resposta. Assim espero, pacientemente.

Ao entrarmos na aldeia fomos levados para uma edificação ao centro. É uma construção muito grande feita de madeira e sapé, de forma arredondada, usada para fazerem as suas refeições comunitárias. Podemos dizer que é o restaurante da aldeia onde todos se reúnem para compartilhar o alimento. Nesse lugar, fomos apresentados com muito carinho para todo o povo e assim, a partir daquele momento, considerados novos habitantes da aldeia.



Depois de uma farta refeição, fomos levados até uma cabana próxima à construção central onde ficaremos morando por algum tempo.

Começaram as surpresas: o interior das cabanas é revestido com um material especial feito pelos indígenas, que torna o interior muito parecido com uma sala com ar condicionado e, para aumentar o espanto, sem mosquitos e

pernilongos. Como fazem este material? Como conseguem repelir os insetos? Quantos porquês, mas é apenas o começo...

Arrumamos os nossos pertences, acomodamo-nos nas redes e, como num passe de mágica, adormecemos serenamente como se estivéssemos nas nuvens.

Passadas algumas horas acordamos assustados, mas ao mesmo tempo bem recuperados de toda aquela caminhada. Saímos da cabana ansiosos das muitas respostas que imaginamos e queremos obtê-las o mais breve possível.

Deslocamo-nos ao encontro de Tóro que se encontra conversando com um dos anciãos da tribo. Com muita educação, peço a Tóro alguns minutos de seu tempo, no que sou atendido prontamente.

Já são quatro horas da tarde e o tempo está armado para uma boa chuva. Dirigimo-nos então para a grande cabana central e, ali acomodados, iniciamos uma bateria de perguntas.

Eu, o mais curioso, começo dizendo:

— *Como você nos encontrou tão rapidamente, dando uma clara impressão que esperavam pela nossa chegada?*

Muito calmamente, como de costume, Tóro sabendo antecipadamente que esta seria a primeira pergunta, pelo menos foi o que nós interpretamos pela pronta resposta do nosso novo amigo, depois de olhar para nós fixamente, responde:

— *Meus amigos, como eu já disse para vocês, vivemos em um mundo onde pouco dependemos da matéria, o nosso ser aos poucos foi se libertando dos laços materiais, das coisas desta vida e vagarosamente nos apegamos ao outro mundo sem ilusões. Para vocês é muito difícil de entender, pois são extremamente materiais e dependem muitíssimo da matéria à qual tanto se apegam e ao mesmo tempo os aprisiona nesta vida.*

Pouco entendemos aonde Tóro quer chegar, mas acreditamos fielmente no nosso novo amigo e nessa sabedoria

que deixa transparecer claramente. Tóro continua depois de uma pausa:

— *Vocês precisam dos vários meios de comunicação para saber o que ocorre em todo o mundo e, sem eles, a sua civilização pára, morre. Nós, porém, não estamos aprisionados a essa parafernália eletrônica, somos livres, mesmo assim temos conhecimento das atividades de todo o mundo. Foi assim que sabíamos com antecipação da chegada de vocês, do acidente e do lugar onde aterrissaram.*

Ficamos impressionados com toda essa história, mas, com muitas perguntas ainda para fazer. Tóro, porém, percebendo a incredulidade e a nossa insatisfação, continua a narrar. Entretanto agora vai explicar com mais calma e detalhes, para que assim pudéssemos acompanhar a forma de vida desse povo de que ele faz parte.

Antes que Tóro pudesse continuar, questionei:

— *Desculpa, Tóro, por cortar a sua narração. Mas como vocês conhecem o mundo todo e até mesmo a nossa chegada, e por que não passam todo esse saber para a nossa civilização?*

Novamente, com muita calma e demonstrando muita segurança e sabedoria sobre o que está falando, Tóro responde:

— *Bem, meus amigos, o meu povo há muito tempo percebeu que seguir o caminho material é pura ilusão, ele nos levou a uma quase destruição da nossa civilização. Foi quando surgiu entre nós um ser especial, um Salvador, que nos mostrou o caminho verdadeiro, longe da matéria, um caminho novo sem ganância, ódio, falsidade, onde só imperava o AMOR. O nosso povo, porém, relutou no início, mas aos poucos foi percebendo que esse era o caminho único para seguir e só esse traria a paz, a felicidade, para o povo. Deixaram então o homem velho e aderiram ao homem novo e assim o paraíso se realizou em nosso meio.*

Meus amigos, com vocês também aconteceu o mesmo. O Salvador veio no meio de vocês, o mesmo que estava entre nós. Porém vocês ainda não o aceitaram plenamente, mas está por vir uma grande mudança no seu povo, pois esse é o caminho único.

Como o nosso povo aceitou mais rápido a mensagem do Mestre, a nossa mudança foi mais rápida. Percebemos que estávamos andando para trás quando dependíamos somente da matéria para a nossa sobrevivência. Deixamos tudo, viramos a mesa, e começamos tudo de novo.

Com a nossa espiritualidade renovada despertaram aos poucos, em cada um do nosso povo, sentidos que há muito tempo estavam estagnados. Alguns podiam prever o futuro, ver o passado. Portanto viajávamos no tempo. Assim, podíamos entender afinal o que o Mestre dizia: “O nosso Deus é um Deus de ontem, hoje e sempre”.

Outro fato que merece extrema atenção é que, quanto mais você depende da matéria, mais você fica preso a ela e deste mundo fica escravo, preso ao ter, ao poder e a tudo que a matéria proporciona. Escravos de sua própria criação! O homem se torna escravo de tudo o que criou e isso o conduz lentamente à morte.

Nós aprendemos e nos libertamos e com isso encontramos um mundo que nunca imaginávamos existir. Ao nos livrarmos da matéria, nos libertamos do nosso corpo, somos afinal livres, como o Mestre nos ensinou.

Tóro fez uma pequena pausa e olha para nós que ouvíamos atentamente todas as revelações. Estamos extasiados por ouvir aquele ser que para nós é espiritual. Percebendo o nosso pensamento, Tóro continua.

— Bem, meus amigos, eu sei o que estão pensando, pois eu também leio os seus pensamentos. Nada está escondido desse seu amigo e, com muito respeito que tenho por vocês e

por querer que façam parte desta vida que aqui levamos, eu revelo a vocês que somos uma imitação do seu Salvador Jesus Cristo. Pois como Ele mesmo disse para vocês: “O que eu fiz, vocês também vão poder fazer, e muito mais”. Amigos, convido-lhes a serem também imitadores, seguidores de CRISTO.

O nosso coração derreteu e caímos em lágrimas de alegria. Enfim encontramos o que tanto procuramos. Abraçamo-nos fraternalmente como verdadeiros irmãos e um longo silêncio se fez.

Depois de uma longa pausa fomos interrompidos por uma linda jovem que vestia trajes coloridos, e anuncia que o jantar está sendo servido.

Tóro convida-nos a irmos nos lavar, prometendo que amanhã continuariam as revelações.

NOVO MUNDO

CAP. IV

Ao amanhecer, estamos radiantes e extremamente felizes como nunca estivemos em nossa vida. Um novo mundo aparece para nós, uma nova esperança, um novo modo de vida que há muito procuramos.

Antes mesmo de nos chamar, já nos encontrávamos na grande cabana para o café da manhã e prontos para novas revelações do nosso novo guia espiritual.

Tóro, como sempre faz, chega alegre, feliz da vida e com muita vontade de encontrar-nos.

Depois do encontro, fomos em direção de uma cachoeira que fica próxima da aldeia, para aí continuarmos a conversa que tanto esperamos.

Tóro inicia dizendo:

— *Meus amigos, vamos a mais um dia de revelações. Como eu disse ontem para vocês, o meu povo escolheu o verdadeiro caminho preparado pelo Salvador e assim encontrou a PAZ.*

Nesse ponto interfiro dizendo:

— *Mas para o seu povo isso pode ser mais fácil, pois vocês são em pequeno número e já vivem com pouca dependência da matéria.*

Tóro sorri da minha ingenuidade, eu não imaginava a complexidade e a extensão de toda essa história e depois de uma pausa responde:

— *Realmente, Marcelo, se você pensar nesta pequena aldeia, eu concordo com você, mas não é. A civilização da qual*

eu faço parte é tão numerosa ou até maior da que vocês conhecem e à qual pertencem. Nessa aldeia estão apenas algumas pessoas de boa vontade que se refugiaram para buscar uma aproximação ainda maior com o nosso Salvador. Podemos dizer que somos como uns eremitas. Chegamos neste mundo em grande número e habitamos aqui por um longo período. Depois aconteceu o retorno em massa e nós, ou melhor, os nossos ancestrais resolveram permanecer aqui.



Maria, repleta de dúvidas, interrompe dizendo:

— *Mas, Tóro, então a cidade perdida que avistamos quando sobrevoamos essa região foi habitada pelos seus ancestrais que há muito a abandonaram?*

— *Exatamente, Maria, não precisamos mais daquelas edificações, preferimos viver nesta forma mais simples, como o Mestre ensinou.*

As dúvidas continuam... Eu, em silêncio, imagino inúmeras perguntas, como por exemplo: Para onde esse povo foi? De onde eles vieram? As perguntas são tantas que simplesmente calei-me e deixei Tóro continuar a narração.

Tóro, porém, percebe as minhas dúvidas e aos poucos tenta esclarecer.

— *As horas passam, meus amigos, precisamos voltar. À tarde levarei vocês a conhecer alguns pontos de nossa civilização que está escondida nesta mata e para adiantar, são elas: A cidade perdida, a montanha e, por fim, a melhor de todas, a caverna.*

Voltamos então para a aldeia. Almoçamos e depois de um breve descanso, Tóro convida-nos a passear pela floresta, seguindo as trilhas que os levam aos três pontos anteriormente citados.

— *Não é longe. A montanha fica bem próxima da aldeia, a cidade perdida se encontra atrás da montanha num pequeno vale e a caverna, mais longe, está ao lado de um pequeno morro.*

É claro que não é possível fazer uma visita rápida aos três pontos, pois estão muito longe um do outro, mas Tóro leva-nos a um platô onde poderemos avistar ao longe os três lugares.

No caminho retoma a conversa tentando ensinar-nos sobre a energia que nos rodeia.

— *Marcelo, você sabe que em toda a nossa volta existe muita energia?* — Pergunta Tóro.

— *Como assim?* — retruco demonstrando um tremendo ponto de interrogação sobre a minha cabeça — *Explique melhor aonde você quer chegar.*

— *Tudo é energia, explica Tóro. Quando nos desprendemos deste mundo, ou melhor, quando deixarmos de ser escravos da matéria, a energia acumulada nessa mesma matéria deixa ser vista por todos nós e dela tiramos proveito. Vou dar um exemplo para vocês. Vamos parar próximo daquela árvore. Ela tem mais de cem anos de vida e assim a energia que acumulou ao longo dos anos é muito grande; se estamos preparados espiritualmente, ou melhor, se não estamos ligados demasiadamente a este mundo, podemos com uma certa prática colher parte dessa energia acumulada. Enfim, meus amigos, tudo é energia e dela podemos tirar proveito. Venham, aproximem-se, vou mostrar para vocês.*

Tóro chama primeiro Maria, pede para tocar com as duas mãos aquela árvore e visualizar em sua mente a energia passando para as suas mãos.

Sorrindo, Tóro permanece afastado ao meu lado. Está muito satisfeito conosco. Ele percebe, pode ver claramente a energia sendo passada para Maria, e esta por sua vez permanece imóvel, desfrutando desse momento precioso que será, sem dúvida nenhuma, inesquecível para ela.

O tempo passa e somente depois de transcorridos quarenta e cinco minutos, mais ou menos, Maria desperta do contato, repleta de energia e felicidade nunca antes obtida. Somente depois narra o ocorrido para nós:

— *Foi incrível! Que aventura! Nunca me esquecerei! Marcelo, você tem que tentar também, parece uma viagem para um novo mundo.*

Tóro também não cabe em si. Esperava, é claro, que Maria conseguiria captar energia, mas não imaginava que ela teria tanto êxito. Maria ultrapassou e muito os limites que ele traçou para ela. Disse então para sua aprendiz:

— *Meus parabéns, você foi muito bem, percebeu a energia da natureza, a energia que Deus deixou para nós. Agora, Marcelo, é a sua vez.*

Interessante lembrar que Tóro, além, de nosso mestre, se coloca entre nós como um amplificador das energias providas da natureza. Como já domina há muito essa energia, facilita-nos a busca. Podemos dizer que, se fôssemos tentar sozinhos receber essa energia, levaríamos mais tempo para captar e entender todo o processo.

Eu estou apreensivo e preocupado, pois não sei se sou capaz de fazer o mesmo que Maria, mas vou tentar também.

Coloquei-me na mesma posição que Maria estava anteriormente e o contato se fez. Tóro, com satisfação, percebe a energia circular pelas minhas mãos, como aconteceu com Maria. O tempo passa...

Repeti o ocorrido com Maria e carreguei-me na velha árvore, mais uma experiência. Mais uma lição que aprendemos com o nosso novo mestre.

Depois deste encontro com a natureza, continuamos pela trilha até chegarmos a uma grande pedra próxima de um morro, onde podemos avistar ao longe a cidade perdida, a montanha e a caverna. Combinamos depois que iríamos primeiro visitar a cidade, que é o objeto da nossa viagem. Somente depois visitaremos, em um outro dia, a montanha e a caverna.

Ao retornarmos para a aldeia Tóro continua a ensinar-nos e, com certeza, damos graças a Deus pelo encontro.

— *Meus amigos, disse Tóro, há muito ainda para ensinar a vocês, e temos tempo de sobra até que possam regressar.*

— *Regressar!? Quem disse que vamos voltar?* — disse Maria — *pretendemos ficar aqui, se você permitir.*

Cheio de felicidade, extremamente contente com a afirmação dos novos companheiros, Tóro não se contém e nos abraça como se fôssemos irmãos que depois de muito tempo regressam ao lar. É uma cena comovente, que confirma ainda mais os laços de amizade.

Pusemos enfim a caminhar e Tóro desabrocha com alegria os seus conhecimentos.

— *Agora, sim, eu posso aprofundar e mostrar a vocês com mais detalhes tudo o que aprendi nesta minha vida, como um eremita que sou. Não formei família, pois queria me dedicar com mais afinco aos ensinamentos do MESTRE, e com ajuda de vocês tenho a oportunidade de passar a sua civilização, ou melhor, podemos confirmar a todos que Cristo é o único e verdadeiro caminho, pois tudo o que eu sei veio Dele.*

Cristo ensinou a AMAR e é somente através do amor que há crescimento na vida do homem. Onde há amor, há crescimento, e o que nós vemos no mundo de hoje é o contrário: a humanidade está cavando a sua própria sepultura.

Em tudo querem tirar proveito. O egoísmo, o ódio, a inveja, o ter sem restrição toma conta, contaminando aos poucos a todos. Se continuarem dessa forma se afastando do Mestre e de tudo que ensinou, verão o fim brevemente.

Não querem amar, e amar é viver, é ser feliz, é ter saúde espiritual e material, é encontrar a Paz, o caminho que leva ao Pai. Mas afinal, meus amigos, o que é a Paz? A Paz é ter Cristo no meio de nós. Ele disse: “Eu lhe dou a paz”. É por isso que o mundo está em guerra, o homem passa fome, não tem moradia, terra, o desemprego se aloja em todos os cantos, a saúde só é possível para quem tem dinheiro, que são poucos. Em resumo, meus amigos, ficar sem Jesus é ficar em desarmonia consigo mesmo e com o mundo, e o homem sem Deus destrói o próprio homem. Vocês já viram um gato dormindo? Ele está em harmonia com a natureza. Ele não faz

perguntas como por exemplo: De onde eu vim? O que estou fazendo aqui? Para onde eu vou? Pois ele está em paz consigo e com a natureza, ele faz parte da natureza, ele se completa na natureza, aqui é o seu lugar. Mas, nós estamos de passagem; esta não é a nossa casa definitiva e é por isso que não podemos fazer morada, pois nada é nosso; tudo está emprestado. O que, portanto, falta para o homem? Ele só se completa com Jesus, sem Ele é o caos, a desarmonia total.

Meus amigos, quem AMA e não tem medo de amar, se transforma em um retrato de Jesus, é Ele vivendo em nós.

Não sei se vocês sabem, mas nós somos o templo de Deus. Ele mora em nós e quando praticamos a lei do amor, Ele se deixa transparecer mais intensamente, e sua vida será um paraíso desde já. Dessa forma, e somente dessa forma, o Reino de Deus se faz entre os homens, já, agora.

Somos filhos de Deus, somos irmãos não somente neste planeta, mas em todo o universo, porque existe só um Deus e criador de tudo, e somente através do amor conseguimos conhecer e compreender essa verdade.

Meus irmãos, aprendam a amar, eu estou aqui para ensinar vocês e desejo todo o bem para os dois, e não só a vocês mas a todos. Meus amigos, ajudem-me a fazer um novo mundo.

Quanto mais Tóro fala, mais nos derretemos em lágrimas de grande felicidade e emoção; enfim encontramos a verdadeira PAZ.

Os dias passam e nos enchemos cada vez mais de amor e conhecimento, preparando-nos para a nossa aventura em busca da cidade perdi

A CIDADE PERDIDA

CAP. V

Depois de sete dias de preparação, partimos em direção à cidade perdida.

Foram longos dias de trabalho, mas afinal estamos a caminho. O lugar onde se encontra a cidade perdida não é tão longe, mas como o caminho por dentro da floresta é difícil, é provável que chegaremos ao anoitecer.

Ansiosa para questionar ao seu novo mestre, Maria pede permissão e faz a seguinte pergunta:

— *Você diz, Tóro, que o seu povo retornou em massa para a sua civilização, mas que lugar é esse? Nós conhecemos esse povo na terra?*

— *Desculpe, Maria* — respondeu Tóro — *mas ainda não chegou a hora dessa resposta. Em breve vocês saberão. Eu tenho que prepará-los para o que está por vir.*

Maria não ficou muito satisfeita, mas por acreditar em Tóro espera pacientemente pela resposta.

Eu também tenho muitas perguntas ligadas a esse fato, mas por causa da resposta de Tóro não ousei formulá-las.

Observando o nosso constrangimento, Tóro tenta amainar a situação falando sobre o verdadeiro Mestre.

— *Meus amigos, vamos deixar este assunto por hora de lado, vamos falar sobre coisas mais importantes, aliás, muito mais importante do que vocês possam imaginar.*

Falávamos há alguns dias do nosso Mestre que trouxe vida nova para todos, um ser puro, sem pecado, que lavou com seu próprio sangue os pecados deste mundo. Meus irmãos, eu

adianto para vocês que no meu mundo aconteceu um fato extremamente parecido.

Jesus esteve entre vocês há mais ou menos dois mil anos e até hoje vocês relutam em seguir os seus ensinamentos, o caminho que ele deixou com muito amor e carinho para todos. No meu mundo, porém, esse mesmo fato aconteceu há quatro mil anos, e o tempo que meu povo relutou para abraçar os ensinamentos do Mestre foi muito menor. Em apenas mil anos a nossa civilização mudou de água para vinho e dessa forma tornamo-nos seres espirituais, enterramos definitivamente a matéria.

O meu povo, antes da vinda do Salvador, era muito parecido com a civilização de vocês, mas a transformação em busca do amor foi radical. Para vocês terem uma idéia dessa mudança, imaginem a casa de vocês com todo o seu conforto, como por exemplo: geladeira, televisão, microondas, aquecimento de água e tudo mais que vocês desenvolveram com o passar dos anos. Agora imaginem teias de aranha cobrindo tudo, eu disse tudo!

O nosso mundo aos poucos parou, a busca do ter não tinha mais sentido, a ganância foi enterrada definitivamente, o ódio foi esquecido, o dinheiro foi desprezado e por fim abandonado. Tudo parou, os valores, que antes eram sinônimos de vida, foram queimados e jogados no lixo. Carros, aviões, meios de comunicação... , nada mais tinha sentido. Tudo parou.

Enfim descobrimos o AMOR.

Imaginem agora, meus amigos, que éramos como germes presos à terra, que nunca viram a luz, e agora somos como pássaros livres para voar.

Agora, Marcelo e Maria, eu posso revelar uma coisa para vocês. Lembram quando perguntaram como eu conhecia

todo o mundo de vocês e ao mesmo tempo não saí deste lugar em nenhum momento? Pois bem, a história foi assim...

Há muito tempo atrás, quando a era do amor começou a reinar, alguns de nós perceberam que havia muito poder estagnado em cada ser. Quanto mais praticávamos o amor, mais rapidamente esse poder exauria, desabrochava como uma linda flor. Um desses poderes, meus amigos, foi a liberdade que a nossa alma conseguiu, mesmo ainda ligada ao corpo.

Não sei se estou sendo muito claro, mas vou tentar explicar melhor: Imagine que você é um carro e a sua alma é o ser que está sentado dentro desse carro dirigindo-o de um lado para o outro. Imaginem que quando esse ser desejar deixar esse carro, ele o faz livremente, sem problema algum, e que esse carro sem o ser que o guia, nada faz, nada pode, não tem vida. Pois bem, o mesmo acontece com o nosso corpo. Existe algo que o anima, que é a nossa alma, e esse ser de carne e osso é o carro que sem a alma não tem movimento, não tem vida.

Meus amigos, achamos a liberdade e no momento em que queríamos, deixávamos o corpo, e assim podíamos voar para qualquer lugar neste mundo, ou fora dele. Não existiam barreiras e nem mesmo tempo. Era possível ir para o passado, em qualquer lugar do presente ou mesmo para o futuro.

Marcelo e Maria, é desta forma que eu viajo para todo o mundo de vocês. Não preciso de carro, avião, telefone ou televisão, pois eu posso ir a qualquer lugar e vocês não podem ver a minha presença.

Depois de muito tempo em silêncio, apenas assimilando os ensinamentos do mestre, Maria interrompe:

— Mas, Tóro, como você faz isso e o seu corpo como fica quando está longe dele?

— *Meus amigos, desta vez eu acho que fui longe demais, muita informação diferente em pouco tempo, mas é a pura verdade. Nós somos seres espirituais criados à imagem de Deus e portanto nada impõe limite para nós, a não ser a matéria ou, se preferirem, o apego demasiado a ela.*

Voltando agora ao desligamento da alma do nosso corpo, isso só é possível para quem ama, para aquele que se libertou da escravidão da matéria, ou seja: do ter, do egoísmo, do ódio ... Enfim, todas essas formas que aprisionam o homem à matéria. Acrescento ainda que, aquele que consegue tal façanha, não pode utilizar esse poder para si próprio, não pode tirar proveito desse Dom. Lembro ainda que, quando estamos fora do corpo, entramos no mundo dos espíritos e nesse mundo existem muitas formas diferentes de seres que habitam essa dimensão. Se a nossa intenção é maldosa, então atrairemos para nós, como se fôssemos um ímã, os seres inferiores. Portanto, meus amigos, só quem é bom fará uso deste Dom, com muito êxito e sem perigo algum. E acrescento que o mesmo não acontece para quem quer fazer mau uso, aliás, nem chegará a esse estágio.

Nesse novo ambiente podemos perceber com mais vida as cores, a aura de cada ser, e dessa forma nada pode ser escondido, nem mesmo o pensamento. Conseguimos ver se você está mentindo ou falando a verdade, se você está com ódio ou transbordando de amor; enfim, meus amigos, tudo é possível fazer nessa dimensão. Mas, mesmo assim, estamos ligados ao nosso corpo por um fino cordão, que brilha como a prata. Não é possível arreventá-lo e isso só ocorrerá quando a morte chegar. Mas, não se preocupem, isso não ocorre quando saímos do corpo.

O tempo passa rápido, não paramos nem mesmo para comer; passamos o dia com frutas e água e com as belas histórias de Tóro.

Enfim a noite se aproxima e a cidade já pode ser vista por entre as árvores. Chegou afinal.



Estamos contentes, mas o interesse inicial que tínhamos pela cidade perdida já foi abafado por todas as descobertas que fizemos nos últimos dias através das histórias do nosso novo amigo Tóro.

Resolvemos, como já era tarde, montar acampamento do lado de fora da cidade, e somente ao amanhecer iremos investigar, ou melhor, fazer turismo com Tóro, pois esse a conhece muito bem.

De manhã visitamos a cidade, mas como eu já disse, foi apenas um passeio pelas ruínas. A cidade está abandonada há muito tempo e por isso a degradação é intensa, as árvores nascem entre as paredes derrubando-as com suas fortes raízes. A floresta conquista novamente o que lhe pertence.

Mas, com certeza, o povo que habitou essa cidade era muito culto, inteligente e totalmente voltado ao bem comum. Nada foi encontrado que levasse a interesse individual dos cidadãos; tudo era coletivo.

Fiquei muito intrigado com a pirâmide, não vi razão por sua existência, não vi função para ela. Quando questionei meu amigo, este não quis, pelo menos por enquanto, explicar, mas prometeu esclarecer brevemente; era só uma questão de tempo.

A visita foi rápida e logo partimos para a aldeia.

Ao voltarmos, deixamos transparecer o grande desinteresse pela cidade, e frustração por nada termos achado de interessante nas ruínas.

Tóro, porém, percebendo o nosso pensamento foi logo dizendo:

— *Meus amigos, a cidade é apenas um monte de lixo para o meu povo e estou percebendo que vocês pensam o mesmo. Eu entendo a frustração de vocês, pois, foi por causa das ruínas que fizeram esta viagem, mas, por consequência, agora somos amigos. Pensando dessa forma, tiro a conclusão que as ruínas tiveram o seu propósito. Vieram procurar uma cidade perdida, e perceberam o quanto está perdida a sua cidade, a sua civilização.*

Depois dessas breves palavras, um grande silêncio se fez. Caminhamos um grande trecho até que demonstrando uma fisionomia alegre, comecei a dizer:

— *Você tem razão, Tóro, o mundo que conhecemos está perdido em seus vícios, em seu egoísmo. Tudo o que aprendemos nos conduz ao ter, ao poder e assim logo veremos o nosso fim. Só agora estou percebendo o nosso erro, por exemplo: o maior meio de comunicação em massa que possuímos, que é a TV, está voltada totalmente à proliferação do ter, do prazer, do egoísmo e para isso submete todo um povo às mais variadas formas de agressões; quando deveria conduzi-lo a uma vida santa, sadia, ao interesse comum. Por outro lado, eleva substancialmente a violência, o sexo, dessa forma a família é destruída e toda a sociedade fica em ruínas.*

— *Muito bem, disse Tóro, o ódio, o egoísmo estão minando na sociedade deste planeta e aos poucos o seu mundo irá morrer. Como eu já disse a vocês, só o AMOR poderá libertá-los, não existe outro caminho. O Amor constrói e o ódio destrói. Meu amigo, quem ama vive mais e é feliz, encontrou o paraíso; e quem procura o ter e se preocupa somente consigo, encontrará a tristeza, a morte ou, se preferirem, o inferno.*

A viagem continua cheia de grandes descobertas e ao retornarmos estávamos extremamente felizes, não por acharmos a cidade perdida, mas pelos ensinamentos que Tóro aos poucos ia transmitindo para nós. Finalmente, encontramos o grande tesouro que procurávamos, não um tesouro material, mas sim espiritual, que nos levaria para um caminho seguro, para a felicidade, para o paraíso ainda nesta vida.

A MONTANHA

CAP VI

Os dias passam e o entusiasmo por novas conquistas é enterrado definitivamente. Não queremos mais glórias por novas descobertas, nem mesmo tesouros escondidos, pois encontramos um tesouro muito maior: a sabedoria, o Amor.

Amamos todos da aldeia, somos uma única família e, com toda a certeza do mundo, este é e continuará a ser o nosso novo lar.

Mas a aprendizagem não termina, ainda há muito que se ver e aprender. Resta ainda conhecer a montanha encantada e a misteriosa caverna.

Entretanto, para que ter pressa? Temos todo o tempo do mundo! E que tempo...

Enfim, aprendi a arte de deixar o corpo e esse fato foi para mim o máximo que até agora aconteceu em minha vida. Foi assim: Certa manhã Tóro chamou-me para caminharmos na floresta até uma pequena lagoa, onde a água era quente e borbulhante. Ao chegarmos, Tóro explica que esse seria o meu dia de uma possível iniciação ao mundo dos espíritos, ou se preferir, a uma dimensão um pouco acima da nossa.

— *Essa água* — continua Tóro — *vai facilitar e muito sua iniciação e, uma vez dominada a técnica, aos poucos você poderá fazer isso em qualquer lugar.*

Estava muito contente. Era aquele o momento da vida que mais esperava, porém Tóro adverte com novas recomendações:

— *Meu amigo, vamos entrar nessa água, relaxar, aos poucos nos desprender deste mundo e depois disso a imaginação será o seu limite. Porém, insisto ainda em lhe dar algumas explicações do que poderá ocorrer: primeiramente esse espaço onde iremos entrar está em um nível de vibração um pouco acima deste mundo. É um lugar de transição entre o mundo superior dos espíritos e o nosso, e por isso devemos tomar cuidado, pois existem formas estranhas de seres que, embora não possam fazer mal a nós, podem ser muito assustadoras. Você já deve ter ouvido falar de histórias de bêbados, que já viram formas variadas de animais com bolas coloridas ou coisa parecida. Pois bem, existe uma gama imensa desses seres neste primeiro estágio por onde teremos que passar. Passando, porém, esta camada de vibrações, atingiremos uma um pouco acima, que esses seres não conhecem e nem conseguem atingi-la. Estaremos livres de suas ameaças e prontos para conhecer o mundo. Poderemos viajar para qualquer lugar; devagar, se você preferir, ou instantaneamente; poderemos ir a qualquer ponto deste planeta ou ainda fora dele. Só para ilustrar: certa vez eu fui a um planeta onde o céu era verde claro, existia muita água, muito mais do que o nosso planeta azul e, para meu espanto, seres muito mais evoluídos que os do nosso, vivendo todos em plena paz e harmonia. Foi um passeio maravilhoso!*

Depois de todas essas breves explicações, eu já não estou tão ansioso como antes. Um certo receio envolve-me, mas mesmo assim prossegui.

Entramos na água, finalmente, e ali, com a ajuda do lugar e da água especial, vem com muita suavidade o relaxamento tão esperado. Observo Tóro se desligar; ele não mais está em seu corpo, parece morto, sem vida, apenas um carro estacionado esperando o motorista para guiá-lo, nada mais!

O tempo passa e relaxo-me totalmente. Em pouco tempo o meu corpo estremece e o meu espírito sai livremente a voar. Tóro fica próximo, à minha espera, e juntos saímos pelo mundo... Início uma longa subida, passo pelas árvores, tomo mais altura como antes sobrevoava com o meu avião, depois passo por entre as nuvens e aos poucos vejo a terra se tornar apenas uma bola solta no espaço, uma linda bola azul. Nesse ponto paro por algum tempo para observar essa maravilha feita por Deus e, em seguida, retornamos novamente para o corpo estacionado à nossa espera.

Voltamos finalmente, nada falei, parece que renasci, sou uma outra pessoa, foi deixado o velho homem e um novo nasceu.

Comprovei a veracidade de tudo o que Tóro contava. Realmente é possível, existe uma outra vida, os espíritos são reais, somos seres espirituais, esta vida é uma escola, estamos aqui para aprender, Deus existe, somos feitos à sua imagem e semelhança, a Bíblia está certa, tudo está confirmado...

Encontrei o tesouro e para cair em mim e refazer-me, passaram quinze dias de extrema euforia, em que pouco dizia e muito contemplava as maravilhas feitas por Deus. Tudo mudou para mim. Só agora entendo o que viveram os grandes Santos de nossa Igreja, ou até mesmo as grandes almas que trilharam sobre esta terra. Eles também passaram por uma situação semelhante quando ficaram meditando, rezando, contemplando o Criador. Sem dúvida, a vida deles mudou da noite para o dia e a minha não iria ser diferente. Encontrei o caminho que Deus preparou para nós, o caminho que cada um de nós, sem exceção, pode trilhar; basta amar e seguir os passos do nosso guia, Jesus.

Tóro alcançou um de seus objetivos. Maria será a próxima, e só então estaremos preparados para a Montanha e posteriormente para a Caverna.

Voltamos para a aldeia e iniciam-se os preparativos para a iniciação de Maria.

A ansiedade de Maria é intensa e por fim o quadro se repete com a seguinte diferença: ao sair do corpo Maria deseja intensamente visitar os seus pais, prontamente, como num passe de mágica, na velocidade de um pensamento, lá estava em companhia de Tóro na casa de seus pais.

Eles tudo observam como se fossem dois fantasmas, mas nenhum contato pode ser feito. Entretanto, o pai de Maria chama sua esposa. Espantado, e ao mesmo tempo desiludido e tristonho, sentiu a presença de sua filha. Para eles Marcelo e Maria estão mortos.

Percebendo a tristeza de Maria e de seus pais, Tóro tenta apaziguar a situação, introduzindo na mente do pai de Maria a impressão de que eles estão vivos e muito bem. Em seguida o ambiente muda.

Jorge, o pai de Maria, chama sua esposa e revela o acontecido:

— *Brena! Eles estão vivos!*

— *Mas, como você sabe, Jorge, deve estar delirando*
— disse Brena num tom desconsolado.

— *Não — disse Jorge — eu percebi a presença de nossa filha, ou se preferir, de alguém que veio trazer a mensagem de que eles estão vivos e muito bem. E foi tão forte esse pressentimento que eu não duvido. Com certeza, Brena, foi um anjo que veio nos avisar.*

Brena saiu chorando, não acreditava em seu marido, pensava que estava ficando louco. Depois de fingir que tinha acreditado retirou-se para o seu quarto para rezar.

Era o momento oportuno para ela também receber a visita de Tóro. Tinham que trabalhar bem para que ela também acreditasse.

Depois de horas em oração e muito choro, Tóro deixa ser visto em uma forma bem tênue naquele quarto escuro. Brena, quando viu a figura transparente e brilhante de Tóro, pensou ser um fantasma ou talvez um anjo. Caindo de joelhos continuou a sua oração. Tóro dirigindo-se a ela em um tom suave, como que respondendo as suas orações, revela à Brena que Maria está viva, que deixasse de chorar e voltasse à sua vida normal que em breve Maria iria fazer contato. Revelou também o acidente, mas não disse onde estavam, e em seguida desapareceu.

Brena saiu do quarto em busca de Jorge, com o semblante da pessoa mais alegre desse mundo, e logo revelou o acontecido. Abraçaram-se e a felicidade voltou a reinar naquele lar.

Maria estava satisfeita com a visita e muito alegres voltaram.

Ao retornarem para a aldeia, Maria agradeceu muito a Tóro pelo acontecido, pois nunca mais esqueceria esse fato em sua vida.

Com a nossa iniciação, os preparativos se findaram, estamos prontos para a visita à Montanha.

No dia seguinte partimos para a nova aventura perguntando-nos: O que nos aguarda? Depois dessa aventura que acabamos de presenciar, será que existe algo ainda maior?

Tóro, então, responde:

— *Meus amigos, com certeza não terá revelação maior do que esta que vocês presenciaram, mas a aventura de vocês está longe de acabar, e o que os espera está além da imaginação de vocês, e mudará com certeza tudo o que vocês conhecem sobre o mundo em que vivem.*

Continuamos por dias o caminho até chegarmos a Montanha.

Seguimos então uma pequena trilha e iniciamos a subida até o cume da Montanha. Quando atingimos dois terços da subida, a primeira surpresa é revelada. No último trecho da Montanha não existem árvores. Todo o topo é apenas uma imensa rocha e por esse motivo impossível de ser alcançado sem os equipamentos de um alpinista. Bem, pelo menos é assim que eu penso.



— *Vocês estão vendo que parece impossível atingir o topo, disse Tóro, num tom muito alegre. Chegamos ao fim da trilha, agora observem aquela imensa pedra, cheguem perto dela e a toquem.*

Com muito receio, vamos ao encontro da pedra e quando chegamos para tocá-la a menos de um metro de distância, a imensa pedra desaparece e o que observamos é uma cratera muito grande. Estamos, portanto, em cima de um

enorme vulcão há muito desativado. Mas como o cume da montanha desapareceu?

Quando nos afastamos da cratera e olhamos para trás, novamente o topo da montanha aparece como se nada tivesse acontecido!

Cheios de dúvidas, corremos até Tóro. Este por sua vez nos acolhe com muito riso e, sem nada perguntarmos, vai logo respondendo:

— *Meus amigos, gostaram do que viram? Pois bem, o topo da montanha é apenas uma imagem projetada, é o que eu posso revelar no momento. Gostaria que não fizessem mais perguntas, pois em breve encontrarão a resposta no devido tempo.*

Sem saber o que dizer e confiantes em Tóro retornamos para o pé da Montanha e nos preparamos para a nossa nova aventura.

A CAVERNA

CAP VII

Depois de caminhar por quarenta minutos, finalmente chegamos à entrada da caverna. É uma entrada pequena e coberta por arbustos, onde quase não se vê a passagem. Justamente por esse motivo não ficamos muito entusiasmados com a nova descoberta.



Tóro primeiro limpa a entrada com a ajuda de um pequeno facão e entra na frente para averiguar se o lugar está

seguro. Logo em seguida fomos para a nova aventura que pelo jeito não demonstra grande coisa.

Pois bem, ao entrar não observamos nada de anormal, é uma simples caverna, igual a qualquer outra. Após acender uma pequena tocha, Tóro se dirige para o interior da caverna e nós o seguimos. Pensei: essa tocha não vai dar para nada. Seguramente, passados trinta minutos ela apagará e assim a



nossa visita vai ser curta.

Tóro certamente percebeu o pensamento, mas nada falou, apenas continuou a caminhar. Passados mais ou menos vinte e cinco minutos de caminhada, a tocha começa a diminuir o seu brilho e aos poucos as trevas tomam conta de nossa

aventura. Maria por ter muito medo do escuro, logo foi dizendo:

— *Tóro, a tocha está apagando. Como vamos sair daqui?*

— *Calma* — disse ele — *a passagem está próxima.*

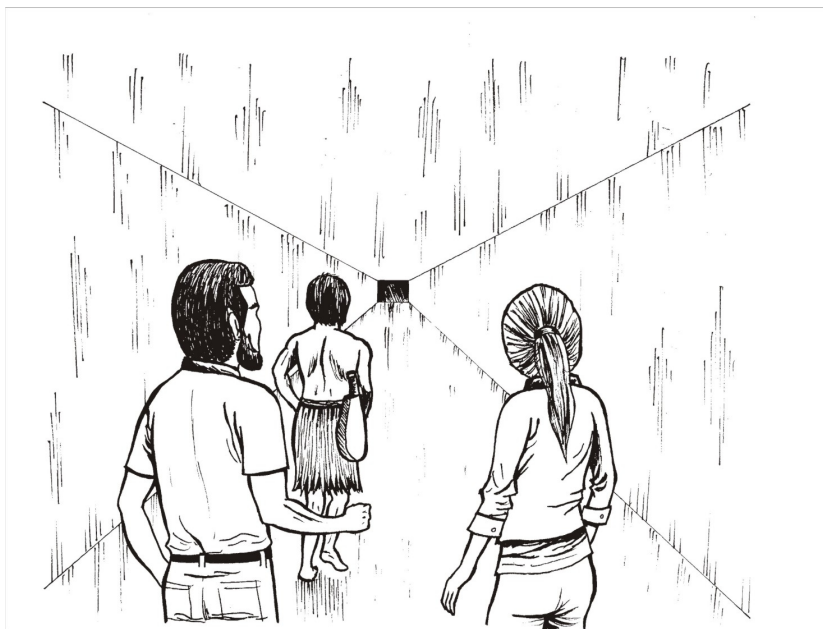
A luz chega ao fim. Caminhamos por mais alguns minutos, confiantes que nosso amigo sabe o que está fazendo.

Disse Tóro:

— *Pronto, meus amigos, a passagem está logo à frente.*

— *Mas, como vamos continuar nesta escuridão?*

— disse Maria, demonstrando muito medo.



De repente, o chão, que até o momento é de terra, agora parece ser liso, sem nenhum obstáculo para a nossa caminhada.

— *Chegamos, disse Tóro, a passagem está aqui.*

Ele nem mesmo tinha terminado de falar quando tudo ficou claro como o dia, pelo menos ao nosso redor.

Não me contive e perguntei:

— *O que é isso, Tóro? Não é uma caverna, mas sim uma passagem, um corredor que vai se iluminando com a nossa presença! Quem fez isso? De onde vem essa luz?*

— *Calma, Marcelo, logo irá entender tudo; no momento vamos continuar. Ainda temos muito que andar.*

As horas passam e o passeio é tranqüilo, um corredor sem fim, limpo, vitrificado do chão até o teto e todo iluminado. Parece que a luz vem de todos os lados, pois não deixa sombra alguma; ora a luz ou a parede é verde-clara, e ora é azul, ou seja, as cores mudam e com isso o caminho não fica cansativo.

Passadas algumas horas, avistamos ao longe uma pequena luz. Parece ser o fim do túnel. Saímos finalmente, mas que lugar é esse?

Um paraíso perdido é o que eu posso dizer. Cercado de todos os lados por um enorme paredão, mas no seu interior podemos ver um pequeno rio sinuoso, muitas árvores, flores, grama, animais variados, aves...

Descemos vagorosamente o paredão, seguindo uma pequena trilha entre as pedras. Foi uma longa caminhada, onde o perigo nos segue de perto. Quando nos aproximamos do fim da trilha, tivemos que entrar novamente em uma caverna muito úmida e estreita; do seu interior vem um som muito forte de água caindo. Andamos devagar na escuridão e só depois de alguns minutos avistamos luz, logo após uma curva. Estamos no fim do túnel e à nossa frente uma parede de água. É uma cachoeira; não tem outro jeito, temos que passar por ela, mas é uma enorme surpresa: a água está morna e do outro lado, um grande espelho de água. É rasa; centenas ou talvez milhares de peixes vermelhos nos rodeiam sem demonstrar medo algum.

Ficamos extasiados com aquele novo ambiente onde o mundo parou; os animais e todas as formas de vida que existem aqui estão isolados do resto do mundo, e por esse motivo tiveram uma evolução diferente e por isso obtiveram características que não conhecemos. Nenhum desses animais tem predadores naturais e por isso são extremamente dóceis, deixando até serem tocados.

Iniciamos a nossa caminhada novamente. O nosso objetivo é cruzar aquela região até o outro extremo. Para isso perderemos mais um dia de caminhada, mas, como o lugar é extremamente interessante e com inúmeras novidades, certamente levaremos muito mais tempo para atravessá-lo.

Ao caminhar, as perguntas começam a surgir: De onde vem toda essa luz, pois estamos no interior de uma montanha? Esse é um lugar natural ou será que foi feito por alguma civilização antiga? Se foi feito por seres desconhecidos, quem são eles? Qual foi o seu objetivo? Por que deixaram tudo intacto e por tanto tempo? Muitas perguntas, mas a que mais me intriga é a luz. De onde vem?

Não me contive em meus pensamentos e na primeira oportunidade despejei a minha dúvida para o meu amigo que, por sua vez, muito satisfeito conosco, responde prontamente:

— *Muito bem, meus amigos, chegou a hora. O que vocês estão vendo aqui são as obras de meus ancestrais há milhares de anos. Construíram esse paraíso isolado do resto do mundo. Com isso conseguiram manter o clima e a quantidade de oxigênio e outros gases na dose ideal para a sua sobrevivência. Podemos dizer, por tanto, que criaram um mundo que satisfazia às suas exigências para sobreviverem. Com o passar do tempo, se preferirem, de milênios, houve adaptações progressivas de seus organismos, até chegarem a um ponto onde os ambientes externo e interno se igualaram quanto à pressão e à quantidade de oxigênio e outros gases.*

Encerrou-se então a adaptação e só então deixaram esse paraíso.

Hoje a abertura no topo da montanha é apenas uma imagem projetada em três dimensões, ou melhor, o topo da montanha é uma ilusão que no passado tinha outras funções, como, por exemplo, filtrar o ar, manter a pressão e a temperatura.

Como eu já disse, meus amigos, tudo isso aconteceu há milhares de anos atrás Hoje nós estamos totalmente adaptados a este mundo e satisfeitos com a vida que levamos.

Maria não acredita em tudo que vê e ouve. Tudo é novo e as explicações de Tóro extremamente malucas. No entanto ela quer saber mais:



— *Tóro, disse ela, afinal quem são vocês, de onde vieram? Pelo que eu entendi precisaram de adaptação; portanto, não são deste planeta!*

— *Calma, Maria, disse Tóro, ainda há muito para revelar a vocês. Dentro de algumas horas a resposta a todas essas perguntas e muitas outras vão ser reveladas, e naturalmente. No momento, aproveitem a caminhada, neste lindo lugar. Tudo tem o seu devido tempo.*

Continuamos a subir um pequeno rio, indo em direção a uma enorme cachoeira. Apesar de ainda estarmos longe, dá para ver uma imensa cortina de água de mais ou menos trinta metros de largura. Falta pouco, mas o sol já se escondeu. Montamos acampamento e somente ao amanhecer continuaremos a nossa aventura.

Não é preciso muita procura para encontrar o que comer, pois existem muitas frutas dos mais variados tipos e sabores.

— *Mas que fruta engraçada!* — disse Maria.

— *Será que é boa para comer?* — Perguntou para Tóro.

— *Sim, essa e muitas outras vieram do nosso mundo e se adaptaram a este ambiente, mas não se preocupem, todas as frutas deste lugar são saudáveis. Nada lhes fará mal.*

— *Não entendo, Tóro. Que lugar é esse de que você tanto fala? A que continente o seu povo pertencia antes de vocês mudarem para cá.*

— *Meus amigos, amanhã vocês vão entender. Mas uma coisa eu posso adiantar, é bem longe!*

Tóro não se contém de alegria, quer contar tudo para os seus amigos, mas espera o momento oportuno. Depois continuou a dizer:

— *Estão vendo aquela cachoeira? Pois bem, no início ela não tinha esse formato, era apenas uma simples queda d'água como todas as outras. Mas, como vocês percebem, ela é muito larga, tem mais de trinta metros de largura e nela se esconde um grandioso segredo, que amanhã será revelado a vocês.*

Depois de uma longa conversa, finalmente fomos dormir. Mas não consegui pegar no sono, pois imaginava mil coisas que naquele lugar poderiam estar escondidas.

Penso primeiramente em um tesouro, mas logo percebo que para Tóro não tem valor algum. O que é então? Talvez algum vestígio muito importante de sua civilização, que nos traz alguma explicação de sua existência, ou até mesmo... Depois de muitas idéias diferentes caí num sono profundo.

Ao amanhecer colocamo-nos rapidamente a caminho, apressados como nunca estivemos antes.

Quando nos aproximamos da cachoeira entendemos a grandiosidade daquela queda d'água; é realmente muito grande. Aos poucos percebemos a sua delicadeza e beleza.

Maria, muito entusiasmada, agora mais próxima da cachoeira, disse a Tóro:

— *Parece uma delicada cortina onde se guarda por trás um objeto precioso!*

— *Isso mesmo, disse Tóro, você está muito próxima da verdade.*

Começamos então a contornar o rio, indo em direção a uma das extremidades da cachoeira. Ao chegarmos, Tóro indica uma trilha feita com pedras, que leva em direção à cortina d'água e para lá nos dirigimos para o início de uma nova aventura.

A CACHOEIRA

CAP VIII

O término da trilha vai ao encontro da cachoeira que tem que ser atravessada. A força da água é grande, mas em poucos minutos estamos atrás da queda da água. Porém, para surpresa de todos, tudo está escuro. Tóro vai à nossa frente como se soubesse o caminho, levando-nos cada vez mais para dentro; quando atingimos mais ou menos vinte metros em direção ao interior, diminuimos a marcha até pararmos.

Depois de alguns minutos em silêncio Tóro chamou-me e disse:

— *Venha aqui, Marcelo, ande bem devagar em direção ao interior e terá uma surpresa.*

Estou trêmulo, mas obedeco e começo a caminhar. Caminho mais ou menos dez metros e paro quando observo uma pequena luz piscar à minha frente; vacilo por alguns instantes e continuo a caminhar. Novamente paro e novas luzes se acendem; em poucos minutos o ambiente onde estamos iluminou-se totalmente.

— *Não acredito no que estou vendo* — disse Maria, um pouco aterrorizada.

— *Mas que brincadeira é essa, Tóro, desta vez você foi longe demais! Não consigo entender aonde você quer chegar!* — eu disse.

Muito alegre, Tóro se põe a explicar rapidamente:

— *Meus amigos, este é o meio de locomoção dos meus ancestrais, há muito tempo está parada, escondida neste lugar, sem função alguma. Não precisamos mais dela para as*

nossas viagens. Isto que vocês estão vendo é fruto do nosso passado material que há milênios foi esquecido. Prometo que logo darei mais detalhes, mas no momento eu sei que a curiosidade de vocês é muito grande e com toda a certeza do mundo desejam investigar essa máquina.



Depois de nos aproximarmos um pouco mais, Tóro continua a falar:

— Marcelo e Maria, como vocês percebem, a nave ainda está funcionando e por sinal muito bem. Ela está preparada para se autoconsertar e por isso sempre está em ordem. Embora a sua potência de energia tenha diminuído nesses milênios que se foram, não podendo dessa forma voar, ainda assim tudo no seu interior funciona normalmente.

— *Mas, é um disco voador?* — perguntou Maria.

— *Exatamente.* — disse Tóro.

— *Há muito tempo atrás usávamos esses discos para fazermos as nossas viagens interplanetárias ou até mesmo entre as galáxias. Eram muito úteis para aquela época, mas hoje não têm valor algum. Mas, meus amigos, vamos chegar mais próximo.*

Quando paramos bem em baixo do disco que silenciosamente flutua, um raio de luz desce sobre nós transportando-nos para dentro instantaneamente. Já no interior nos encontramos em uma sala muito iluminada, denominada tele-transporte.

— *Vamos fazer um passeio pela nave, disse Tóro, temos muito para investigar. Como estou com fome e parece que vocês também, sugiro irmos primeiramente para o refeitório.*

A sugestão foi aceita e, depois de percorrermos um pequeno corredor, entramos em uma sala muito grande, que pode acolher seguramente mais de cem pessoas sentadas. Já no interior da sala, caminhamos em direção a uma parede com várias janelas transparentes. Tóro sugere que cada um fique em frente de uma janela e peça o prato desejado.

— *Um prato! Como isso é possível?* — eu disse.

Tóro responde calmamente:

— *No momento vamos comer, depois explico; simplesmente basta pedir o que quiser.*

Maria é a primeira. Quer testar a máquina, pede uma pizza de mussarela e um suco de laranja. Imediatamente a janela se ilumina. Ao apagar-se, abre, e lá está o prato pronto, juntamente com o suco. Eu sou o próximo e peço arroz com feijão, batata frita e uma salada. Novamente a janela ilumina-se, logo se abre revelando o prato desejado. Tóro é o próximo e o que pede é um peixe cozido e um suco de laranja.

Cada um pega o seu prato, dirigimo-nos para uma das mesas e a conversa continua:

— *Mas que delícia!* — Disse Maria — *É impressionante o que essa máquina pode fazer!*

Eu como satisfeito e Tóro se delicia com o seu prato.

Depois dessa farta refeição nos dirigimos para a principal parte da nave: a cabine de comando. Subimos por um elevador, a porta se abre e uma grande sala com muitos controles aparece na nossa frente; não há botões ou chaves, mas tudo funciona por toque ou por som, isto é, você pode conversar com a nave.

Tóro demonstra como funciona. Primeiro senta-se em uma cadeira de comando e pede para a nave iniciar o processo de decolagem; o pedido é aceito, pois conhece a voz de Tóro, mas quando é a hora de aumentar a potência ao máximo, o processo se encerra por falta de energia e a nave diz: “contagem regressiva interrompida por falta de energia”.

Tudo na nave é automático, mas a fonte de energia principal, que é gerada por um cristal verde especial, está quase esgotada. Para voar novamente é necessário um novo cristal oscilando na mesma frequência do original.

Terminada a visita na cabine de comando, dirigimo-nos para a sala de projeções.

Tóro vem ao nosso encontro dizendo:

— *Meus amigos, estamos entrando na sala de projeções e aqui vou revelar a vocês os mistérios do meu povo.*

É uma sala bem grande parecida com um cinema. À frente, uma “tela” de projeção onde a imagem se forma no ar e em três dimensões.

Depois de acomodados e devidamente preparados inicia a história de Tóro:

— *Vou começar mostrando a vocês de onde viemos.*

Na tela, ou, se preferirem, perto da abertura que recebe o nome de tela, aparece uma imagem em três dimensões e em cores, um sistema planetário com doze planetas e uma estrela azulada.

Tóro continua:

— *Meus amigos, viemos deste sistema planetário e a estrela que estão vendo é Sírius, e o nosso planeta é o sexto desse sistema. Vocês estão percebendo que essa estrela emite mais luz do que o Sol e por isso é azulada. Sendo assim, para manter uma temperatura amena, o planeta número seis, com uma órbita quase circular, foi o único a manter uma forma de vida inteligente. As condições de vida nesse planeta são muito parecidas com as da Terra, embora a gravidade seja um pouco superior e a quantidade de oxigênio seja muito maior do que na Terra. Por esse motivo, meus amigos, tivemos que fazer um lugar parecido com o nosso no interior desse vulcão há muito adormecido.*

Vimos para esse planeta há oito mil anos atrás, mas não interferimos em nada em seu desenvolvimento, em sua formação. Somos apenas meros observadores. Fizemos nessa época este lugar especial e aqui ficamos em observação e em adaptação para, num futuro distante, podermos habitar fora desta cúpula. Observamos toda a passagem da história de vocês. Está tudo gravado em nossos sistemas e ainda hoje esses registros estão sendo arquivados.

Há mais ou menos dois mil anos atrás conseguimos entender melhor a nossa vida, o lado espiritual que nos envolvia e assim deixamos aos poucos o materialismo, o uso da matéria e as coisas que construímos. Conseguimos dominar a nossa mente e finalmente alcançamos a nossa liberdade. A partir desse momento o amor reinava no sexto planeta de Sírius. Através da prática do amor libertamo-nos do nosso corpo e assim viajamos por todo o universo, transformando-

nos aos poucos em seres de luz. Isso tudo, meus amigos, não ocorreu de um momento para o outro, mas foi lento e progressivo. Havia alguns que estavam mais desenvolvidos do que outros, e assim iniciaram o processo de mudança primeiro; mas, posso acrescentar, foi fantástico. De repente em uma família um deles começa a emitir luz azulada e aos poucos ia se tornando invisível até desaparecer totalmente.

Esse processo foi acontecendo com todos, até finalmente não existir mais ninguém em carne e osso. Viviam e ainda vivem no mesmo planeta, mas em uma dimensão um pouco superior.

Hoje, meus amigos, eles estão vivendo nesta dimensão superior, o planeta foi retomado pelas plantas e animais e tudo que construímos está abandonado, em ruínas. Mas ainda estão vivos e muito felizes, muito mais próximo de Deus.

Enquanto Tóro falava, as imagens iam sendo geradas simultaneamente com todos os detalhes possíveis. Era como se lesse o que Tóro estava pensando.

Estamos tontos, maravilhados e Tóro continuou:

— Meus amigos, os que viviam aqui também retornaram para Sírius e também vivem lá, mas, eu e meus amigos que estão na aldeia, somos filhos deste mundo e deles também. Somos uma mistura das duas raças. Por esse motivo não chegamos ainda ao estágio que eles chegaram há dois mil anos, mas o nosso dia está próximo e é por isso que estou revelando tudo isso a vocês. Em breve não estarei mais aqui, e depois de algum tempo o meu povo também irá me acompanhar e vocês dois ficarão novamente sozinhos. No entanto, meus amigos, passarei a vocês tudo o que sei para poderem se desenvolver e assim nos seguir. Vocês dois, e quem sabe toda a civilização deste planeta. Acredito que vocês ficarão preparados bem rapidamente, mas o seu povo ainda levará mais dois mil anos.

Meus amigos, o processo já teve o seu início. Vocês podem não saber, mas alguns já iniciaram o processo de mudança e em breve serão luz. Aguardem e verão.

Jesus veio há dois mil anos e deu início ao processo. Muitos o seguiram e conseguiram entender o sentido da vida. É interessante dizer, mas é a pura verdade, é palavra de Jesus: “Quem se prende à sua vida irá perdê-la”. Quem se prende às coisas que possui, às coisas desta vida, perde tempo, anda para trás, se aprisiona; mas quem se livra das coisas desse mundo, se liberta, é livre para seguir a jornada.

No nosso mundo também tivemos um salvador. Jesus também esteve presente, mas nós demoramos pouco tempo para entendê-lo e logo o seguimos. Mesmo assim passaram dois mil anos desde a sua visita. Mas, pelo que eu vejo, a Terra demorará um pouco mais...

Meus amigos, é o nosso dever e de todos que seguem Jesus, ajudar o próximo, é isso que iremos fazer; ajudaremos em breve o processo de transição.

As horas passam rapidamente. Estamos felizes e ao mesmo tempo tristes pela futura ausência de Tóro.

Tóro, lendo o nosso pensamento, vai logo dizendo:

— Meus amigos, não fiquem tristes, eu vou partir brevemente, mas ainda assim manterei contato com vocês, estarei sempre ao lado de vocês.

Com essas palavras nos animamos rapidamente e nos dirigimos para o refeitório e logo depois para o alojamento da nave.

Ao amanhecer estávamos alegres como nunca estivemos, deixamos a nave e retornamos à aldeia, renovados e sentindo uma liberdade nunca antes conseguida. Finalmente estamos crescendo em direção aos ensinamentos de Jesus.

No meio do caminho Tóro nos ensina a rezar e nessa oração chegamos a tal ponto de desprendimento que passamos

a nos renascer diariamente. Assim aconteceu com os grandes Santos e só agora percebemos e entendemos os seus ensinamentos. Tóro continua:

— *Não pensem que Jesus ensinou a rezar o Pai nosso somente para repetir palavras, não. Por trás das palavras existe a reflexão, meditação e por fim a contemplação , o desprendimento total, à volta para casa.*

Depois Tóro dá exemplo de alguns Santos:

— *Vou dar exemplos para vocês de alguns Santos que passaram por esta terra: Santa Tereza D'Avila quando rezava entrava em tal ponto de meditação e contemplação que chegava a levitar sobre os bancos da Igreja em que freqüentava, e as irmãs a acompanhavam segurando-a para que os outros não percebessem. São Benedito flutuou durante uma procissão quando segurava a Cruz. Santo Antônio conseguiu o Dom da bilocação, ato de estar em dois lugares ao mesmo tempo, depois de suas orações. Enfim, existem muitos outros fatos para narrar a vocês, indicando que o caminho que eles escolheram é o certo, o indicado por Jesus, é o que nós devemos seguir.*

TRANSMUTAÇÃO

CAPIX

Voltando para aldeia, iniciou o tempo de preparação para a grande mudança.

Passaram-se dois anos depois da visita à nave e para lá não mais voltamos; não precisamos mais daquele objeto. Todo o tempo foi destinado à nossa preparação.

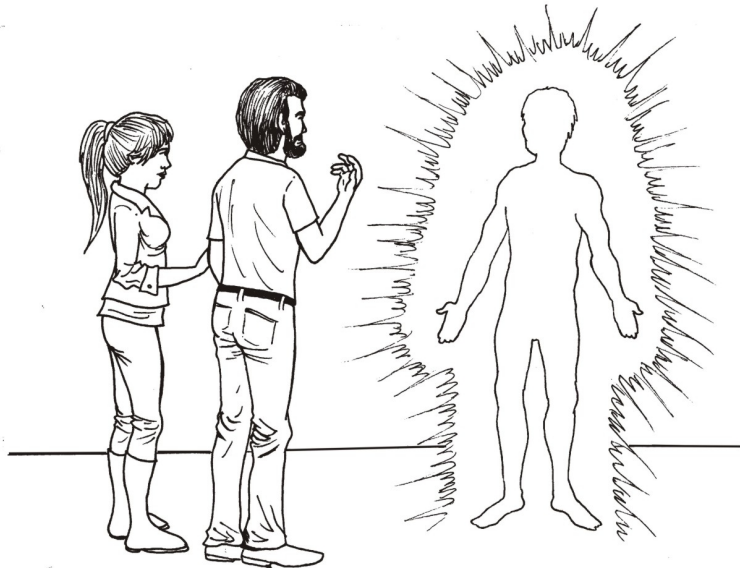
Quando o tempo de preparação estava chegando ao fim, um certo dia, Maria observou que de uma das mãos de Tóro surgiu um foco de luz muito pequeno. Isso impressionou Maria de tal forma que caiu em choro. Eu também ao receber a notícia fiz o mesmo, pois percebemos que o nosso grande amigo iniciou o processo de passagem.

Os dias passam e os focos de luz gradualmente vão aumentando, em uma das mãos. Passando alguns dias aparece em outra mão e assim sucessivamente. Durante seis meses essas luzes tomam vagarosamente o corpo de Tóro.

Durante essa passagem Tóro continuava a nos ensinar, e quanto mais ele ensinava demonstrando grande amor, mais luminoso ele ficava. Com o passar dos dias Tóro foi deixando aos poucos de se alimentar, não precisava mais dos alimentos, a matéria não o prendia mais a este planeta.

Certo dia, quando nos dirigimos para o café da manhã, ocorreu uma grande surpresa. Tóro não apareceu no refeitório, esperamos um pouco mais e finalmente uma luz surge no nosso meio e toma a forma do nosso grande amigo Tóro. O processo estava chegando ao fim.

Tóro agora é luz, mas, para ser visto, toma a forma do seu antigo corpo e entre nós inicia novas lições. Nós não agüentamos mais, choramos facilmente, não sei se de alegria ou de tristeza, pois sabemos que Tóro logo irá partir.



Os outros habitantes da aldeia também ficam próximos de Tóro ouvindo suas lições e vendo como é feito o processo de transmutação, pois em breve eles também passarão pela mesma experiência. Tanto isso é verdade que um dos anciões da aldeia também inicia o seu processo. Em uma das suas mãos aparece um foco de luz. O processo se reinicia e aos poucos todos irão desaparecer definitivamente.

Certo dia Tóro nos adverte que com o passar do tempo nós iremos ser os únicos habitantes da aldeia, pois todos passarão pelo processo de transmutação. Mas, acrescentou que

ainda assim vai estar no nosso meio e na medida do possível deixará ser visto.

Passados alguns anos, Tóro não se encontra mais no nosso meio, isto é, visível, e juntamente com o nosso amigo já se foi mais da metade do povo da aldeia, e os que restaram já manifestaram sinais do início da passagem.

O ambiente na aldeia é extremamente envolto de felicidade sem fim, é como se estivéssemos no paraíso protegidos por inúmeros anjos. Tanto isso é verdade que, após uma refeição ao meio dia, surgiram no refeitório inúmeras luzes brilhantes e depois de muito brincarem ao nosso lado, se posicionaram na mesa justamente nos lugares que faltavam; é o lugar de Tóro e das outras pessoas da aldeia. A alegria se fez entre nós, pois sabemos que Tóro está presente e, para nossa surpresa, a luz foi aos poucos tomando a imagem de nosso amigo e ali está ele visível entre nós.

Tóro toma a palavra dizendo:

— *Meus amigos, com muita alegria estou no meio de vocês, nesse tempo desde a minha partida estive em Sírius, no sexto planeta, visitando o meu povo e com muita alegria trouxe comigo alguns deles para conhecê-los. Está aqui Sitro, meu irmão, que já há quinze anos nos deixou. E à sua esquerda Marcelo, está a minha mãe, que é de origem do nosso planeta; ela se chama Mirna. E ao seu lado Maria, está meu pai, Cireu, que muito desejou conhecê-los.*

Aos poucos toda a família de Tóro começa a tomar as formas que tinham antes da transmutação, deixando serem vistos, tocados. Enfim, é como se nada tivesse acontecido; são normais como qualquer um de nós.

Tóro continua a dizer:

— *Em breve vocês irão ficar sós e nós estaremos, sempre que possível, visitando-os até que chegará o tempo da transmutação de vocês também. Durante esse tempo vocês*

terão muito trabalho para fazer em seu benefício e para o benefício do povo da Terra.

Cireu tomou a palavra e, depois de se apresentar e demonstrar para nós a alegria de estar no nosso meio, apresentou um presente para nós:

— Marcelo e Maria, eu Cireu, com muita satisfação vou dar a vocês um objeto de muito valor que irão precisar para o seu transporte quando ficarem sós. Em breve iremos com vocês até a nave e lá mostrarei. Não sei se vocês sabem, acrescentou, eu fui o último comandante da nave Zeta 7 e na sala N5 encontra-se o presente; nem mesmo Tóro sabe da existência desse objeto, pois é de uso exclusivo do comandante e nunca foi usado.

Depois disso, disse Mirna:

— Vocês terão a ferramenta necessária para efetuar o dever que cabe a vocês dois, e só então, depois de terminarem esse serviço, estarão prontos para seguirem o seu caminho até nós.

A visita foi curta e logo desapareceram do mesmo modo que vieram.

Ficamos sós novamente com o restante do povo da aldeia.

Interessante dizer que à noite não precisamos mais acender fogueiras, pois muitos já são fortemente iluminados já no processo final de transmutação, outros porém iniciam a passagem.

O tempo passa rápido e no final de um ano já nos encontrávamos sozinhos na aldeia. A transmutação dos últimos habitantes já encerrara.

Agora resta esperar e aguardar pacientemente o dia da visita de Cireu quando iniciará o nosso serviço. Entre esse tempo nos colocamos em oração, meditação e contemplação e, a cada dia, mais próximos nos encontrávamos do Criador.

É bom lembrar que num belo dia, quando encontrávamos em profunda oração nos desligamos do corpo e partimos juntos para o sexto planeta, éramos atraídos para lá como um ímã e neste lugar avistamos o que a muito tínhamos observado na tela da nave Zeta 7: um planeta com um céu verde muito claro tendendo para o azul, muita água com apenas um continente repleto de enormes árvores; havia também uma grande quantidade de animais e aves, sem falar dos peixes. Durante o nosso vôo sobre o planeta avistamos enormes construções, cidades, pontes, tudo abandonado, sendo destruído pelas plantas que retomavam o seu lugar aos poucos.

Depois de circularmos sobre o planeta sentimo-nos atraídos para uma grande planície natural no alto de uma montanha. Chegando lá, duas entidades de luz muito forte nos aguardavam e logo pediram para os acompanharem, ao qual nós obedecemos prontamente.

Dirigimo-nos para um templo antiqüíssimo onde tivemos a alegre surpresa de encontrar Tóro, sua família e todos os habitantes da aldeia. Foi um encontro muito fraterno em que percebemos que não só Tóro pode visitar-nos, mas que também nós podemos fazer o mesmo. Bastava simplesmente orar, seguir os passos de Jesus, que tudo será possível.

Passamos a noite em grande confraternização e ao amanhecer regressamos para os nossos corpos.

Foram feitas muitas outras visitas a Tóro, também em inúmeros lugares da Terra. Finalmente já estávamos preparados para a visita de Cireu e para nossa nova aventura.

Nossa preparação era contínua; esperávamos apenas a visita para iniciar o trabalho. Os dias passam e, transcorridos seis meses, inesperadamente surge entre nós Cireu, acompanhado de seu filho Tóro.

Tem início, portanto, a nossa tarefa.

Ao amanhecer partimos em direção à caverna. Passado um longo tempo chegamos à cachoeira e finalmente entramos em Zeta 7. Já no interior, Cireu e Tóro encaminham-nos para a famosa sala N5 onde se encontra o presente que nós tanto esperamos.

Chegando à frente da sala N5, Cireu diz a palavra chave e a porta se abre prontamente. Ao entrarmos, Zeta 7 responde ao seu antigo comandante:

— *Comandante Cireu, a mini-nave Mzeta 7 está pronta para ser acionada, a quem deseja passar os comandos ?*

Cireu explica que aquilo é um disco voador de pequenas dimensões, que servia para fazer as suas viagens em torno da Terra ou até mesmo fora dela. Em seguida passou os comandos dizendo:

— *Zeta 7, a partir de agora você seguirá os comandos de um novo comandante que será o Marcelo, inclusive os comandos de Mzeta 7, que será usada integralmente pois está com sua força total.*

Em seguida Cireu chamou-me até a cabine de comando, e me introduziu em uma pequena sala, sentou-me numa poltrona e trancou a porta. Uma forte luz azul pairou sobre a minha cabeça e nesse instante todas as informações de funcionamento e engenharia da nave foram passadas para mim.

Encerrada a transferência, saí da pequena sala sendo o novo comandante de Zeta 7.

A MISSÃO

CAP. X

Os conhecimentos que me foram transferidos eram grandiosos, continham, além do funcionamento das duas naves, toda história do sexto planeta de Sírius. Agora me encontrava em condições de efetuar a Missão que para nós foi traçada.

Permaneceram por mais algum tempo no interior da Zeta 7 e finalmente partiram de volta para o sexto planeta, Tóro e Cireu.

Novamente estávamos a sós e prontos para iniciarmos nossa nova jornada.

Ao amanhecer depois de um longo sono reparador, dirigimo-nos para MZeta 7.

Ao entrarmos, pela primeira vez, todos os comandos estavam ligados e prontos para executarem as minhas ordens. Foi quando inesperadamente MZeta 7 começa a falar:

— Meu comandante Marcelo e sua esposa Maria, a partir desse momento estou pronta para servi-los nessa nova missão que está preparada para cumprirmos juntos. Primeiramente iremos visitar vários pontos importantes desse planeta e só a seguir faremos juntos o nosso ataque final, onde daremos início ao plano de reiniciação desse planeta.

Ouvimos atônicos e atentamente os dizeres de MZeta7, que prosseguiu:

— No início de nossa visita nós não seremos detectados pois estaremos invisíveis. Assim poderemos ir a qualquer posição e estudar com tranqüilidade onde

iniciaremos a nossa tarefa. Gostaria, comandante, que tomassem suas posições para iniciarmos a partida.

Prontamente instalamo-nos em nossas poltronas e MZeta 7 acionou seus propulsores. Lentamente a parte inferior de Zeta 7 se abre liberando a MZeta 7 que sai flutuando em direção à cachoeira. Passando por esta, se dirige em baixa altitude até o ponto central do Paraíso, e em seguida vai subindo lentamente, entrando na imagem projetada no topo da montanha e finalmente voando sobre a floresta.

Agora estou novamente no comando de uma aeronave, traço o rumo e então MZeta 7 segue invisível em direção a Brasília.

Sobrevoamos o aeroporto sem sermos detectados e o mesmo ocorreu sobre o Senado e sobre o gabinete do Presidente. Observamos todo o movimento da cidade e nada nos consegue detectar. Outro fato interessante que MZeta 7 consegue efetuar é a visão e audição do interior da sala do Presidente.

Depois dessa pequena visita vamos em direção à Casa Branca nos E.U.A, e lá faremos a mesma observação que foi efetuada no Brasil, totalmente invisível. Dirigimo-nos novamente para inúmeros países e seus respectivos governantes em todo o mundo.

Nós temos uma grande arma em nossas mãos que certamente iremos usar para o bem.

Bastaram dois dias para visitarmos os maiores países de todo o mundo e, terminando o primeiro contato da missão, regressamos para a montanha. MZeta 7 retornou automaticamente junto a Zeta 7. Agora iremos descansar e nos preparar para o próximo estágio da missão.

Foram dois dias de preparação, avaliando todas as gravações que fizemos e, como sempre acontece, Zeta 7 colabora e muito com os diversos aspectos dos planos. Uma

das sugestões de Zeta 7 é pedir ajuda para um grupo de monges que vivem isolados em colinas muito distantes da vila. Iremos nos apresentar a eles e pedir a sua ajuda .

Descansamos apenas um dia e logo de manhã partimos com MZeta 7 em direção à colina, que está a mil e duzentos quilômetros de onde estamos.

Em menos de trinta minutos avistamos a colina.

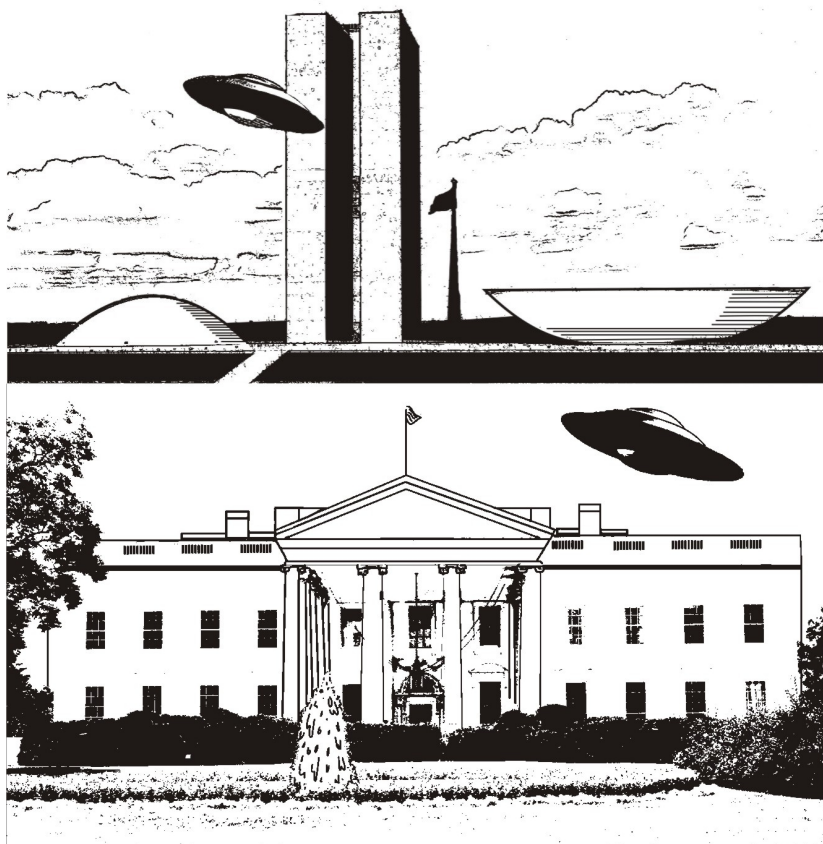
Estamos, é claro, invisíveis. Pairando sobre o mosteiro, avistamos os poucos monges que o habitam e decidimos pousar bem no interior, num jardim com muita grama e flores.

Descemos suavemente. É o momento em que os monges se retiram de seus afazeres para oração. Após a nave estar devidamente estacionada, esperamos o regresso deles permanecendo ainda invisíveis.

Pensamos como vamos aparecer para os monges sem causar pânico. Resolvemos então deixarmos ser vistos apenas por um monge e aos poucos por todos eles. Esperamos ficar no local apenas o monge que cuidava do jardim. Os outros foram fazer outras tarefas nos diversos serviços que exigia o mosteiro, como horta, abelhas, limpeza, cozinha, peixes, animais e outros... Quando apenas o jardineiro ficou no local, MZeta 7 deixou ser vista. O monge se encontra de costa para a nave e quando finalmente girou para carpir o outro lado, dá de frente com a nave e, com a surpresa, cai sentado e muito assustado.

No mesmo instante MZeta 7 abre a porta principal, por onde descemos bem devagar, para não assustar ainda mais o monge jardineiro. Este, porém, depois de nos avistar, fica mais tranqüilo. Aproximamo-nos do monge e o convidamos a conhecer a nave, o qual prontamente aceita. Ao entrarmos, MZeta 7 fica invisível novamente.

Apresentamo-nos ao monge, que se chama Alberto, levamo-lo para a sala de projeções e mostramos para ele os planos para começarmos a iniciação neste planeta. Mostramos também o que acontecerá com o povo da Terra em um futuro distante.



O monge fica muito contente por ser escolhido para ajudar nessa missão. Promete também contar nesta noite para os seus amigos e convencê-los a aderirem ao plano. Ao

anoitecer, quando aparentemente ninguém os observava, MZeta 7 abre a porta principal e Alberto sai dirigindo-se rapidamente para o interior do mosteiro. A porta se fecha e MZeta 7 torna-se invisível novamente.

Observamos do interior da nave o que ocorre por dentro do mosteiro. É possível avistar os monges em uma tela principal e ouvi-los também.

Foi difícil Alberto convencê-los. Pensaram que estava ficando louco, mas depois de contar os planos de iniciação, de como as pessoas iriam mudar para outro estágio de evolução com o decorrer do tempo, acreditaram e se colocaram à disposição para ajudarem.

Ao perceber que aceitaram o plano, deixei MZeta 7 ser vista por todos. Para chamar a atenção liguei as luzes externas que emitiam feixes diversos de cores.

Quando Alberto se dirige até à janela para mostrar aos monges onde se localiza a nave invisível, observam todo aquele dançar de luzes e correm imediatamente para fora. O quadro é inteiramente interessante. Dezenas de monges em torno de MZeta 7 muito curiosos e ao mesmo tempo amedrontados. Desliguei as luzes e abri a porta onde iniciamos a descida.

Foi uma festa. Fizeram fila para entrarem na nave, conheceram todo o funcionamento e depois assistiram os planos para a iniciação.

A alegria de todos era contagiante, mas, chegada a hora de oração dirigiram-se à capela e nós acompanhamos. Agradeceram a Deus a oportunidade que veio sobre eles e decidiram unanimemente apoiar-nos.

Nesse lugar ficamos por alguns meses em profunda reflexão e oração, para nos prepararmos para a grande missão.

Os dias passam e, depois de muitas reuniões ainda não decidimos como vamos agir. Mas pelo menos em uma coisa

concordamos: a nave deve sempre ficar invisível, não deve ser vista em momento algum.

Em uma dessas reuniões propus que se mudassem para a montanha onde se encontrava Zeta 7. Eles gostaram da proposta, mas gostariam de visitar o local antes de tomarem a decisão final.

Na manhã seguinte lá estávamos indo em direção à montanha.

Quando avistaram o local pensaram que iam cair, pois MZeta 7 estava voando diretamente para o topo da montanha. É claro, não sabiam que era uma projeção e quando pensaram que era o fim, passamos pelo topo causando muita emoção nos monges. Levei-os em seguida a conhecer toda a extensão do lugar que era considerado um verdadeiro paraíso, somente depois regressamos para Zeta 7.

Passaram dias embriagados com o lugar. Sem dúvida alguma esse seria o seu novo lar. Já habituados e plenamente relacionados com o novo ambiente, retornaram com mais ânimo e vigor à missão que para eles foi preparada.

Reunimo-nos na sala de projeções de Zeta 7. Finalmente, depois de dias traçando idéias e Zeta 7 ajudando-nos, dando informações e imagens de todo o mundo, terminamos um plano para começar a iniciação tão esperada na Terra.

Primeiramente decidimos enviar dois dos monges em cada ponto estratégico da Terra. Eles serão enviados diretamente junto a um determinado governante e mostrarão para ele o que a Terra irá passar nos próximos anos. Tentarão convencê-lo de uma vida futura, uma vida espiritual, sobre a verdade de Jesus e assim livrar esta Terra do egoísmo e introduzi-la na força do Amor.

Com a colaboração de todos os dirigentes, esta Terra passará por uma vitalização geral sobre todas as formas,

principalmente nos meios de comunicação em massa, quando serão usados somente para a boa educação. O homem estará sempre em primeiro plano, a solidariedade e a partilha serão reintegradas em todos os países; o capitalismo, o neoliberalismo e as formas de governo que exploram o povo, finalmente encontrarão o seu fim, e um grande tempo de paz envolverá a Terra.

INICIAÇÃO

CAP. XI

Logo depois de traçarmos os últimos detalhes do plano, colocamo-nos em profundo estado de meditação e oração para assim nos prepararmos para a etapa final.

Não foi pouco esse tempo de preparação e crescemos em amor entre nós e com a missão que vamos realizar.

Acontece que num belo dia, estando todos reunidos em profunda oração e meditação, aparece entre nós, inesperadamente uma luz, que vai tomando forma. É o nosso amigo Tóro que vem para visitar-nos. Ele disse:

— *Como estão meus amigos, Marcelo e Maria? Estava com muita saudade de vocês!*

E continuou:

— *Como está a preparação para a grande missão?*

Antes de responder, apresentei todos os monges ao meu amigo, explicando depois que os tinha escolhido para ajudarem na realização da missão. Depois continuei dizendo:

— *Estamos na reta final para pormos em prática o principal ponto da missão que vamos realizar dentro de alguns dias.*

Tóro está muito satisfeito conosco e também com a nova família que arranjamos.

— *Muito bem, meus amigos, eu vou acompanhá-los neste estágio final da missão, entre vocês, mas em espírito e, se precisarem de mim, a ajuda virá com certeza.*

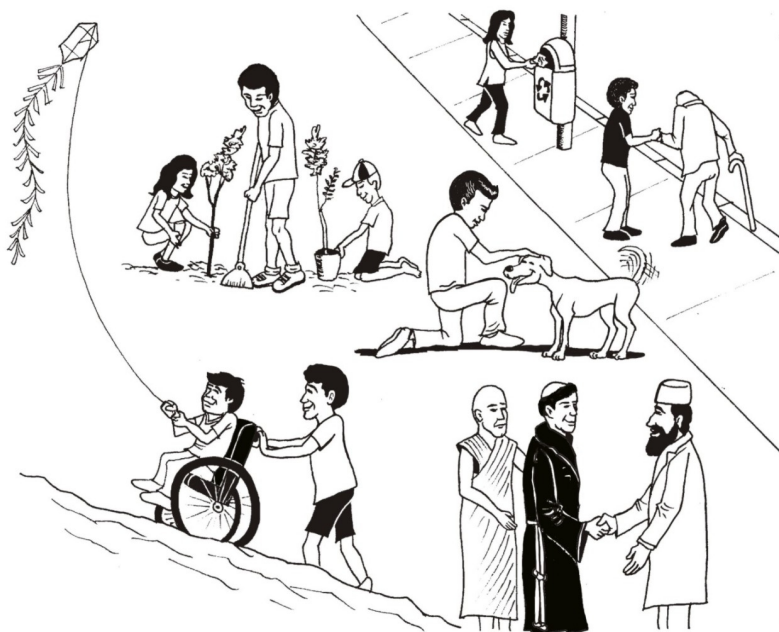
Vibramos muito com a narração de Tóro.

Depois apresentei Tóro a meus amigos explicando com detalhes tudo o que aconteceu com eles nessa aventura.

Os dias passam e todos estão muito ansiosos para dar início à missão. Decidimos então que o dia seguinte será o grande dia.

Depois de prepararmos a MZeta 7, partimos todos para a missão. O rumo é os EUA.

Com a nave invisível pairamos sobre a Casa Branca para observar o movimento em seu interior, onde fica o Presidente e quando ele está sozinho, para assim poder entrar em ação.



Finalmente o presidente fica só e dois monges são transportados ainda invisíveis para o interior da sala e, no momento oportuno, deixam-se ser vistos. Não preciso dizer que foi um tremendo susto para o Presidente. Depois se apresentam

e voltam junto com o Presidente para a nave. Já no interior mostramos o futuro do mundo se continuassem com essa forma de governo e o que deverá ser feito para mudar essa situação. Todas essas coisas ficam gravadas na memória. Para o Presidente irá aparecer como se fosse apenas um sonho, mas que será colocado em ação.

Ao voltar para a sua sala, o Presidente convoca rapidamente uma reunião e já inicia as primeiras mudanças. Durante alguns dias a nave continua pairando sobre a Casa Branca em observação e voltamos a agir somente quando algum membro do governo coloca fortes obstáculos para a resolução do plano. Quando isso acontece, levamo-lo para a nave e mostramos para esse homem o mesmo que foi apresentado ao Presidente. Ao retornar, esse se torna o braço direito do Presidente e em tudo concorda com as novas mudanças.

Quando tudo já esta em andamento, depois de muitos dias em observação, partimos para outro país e reiniciamos o processo.

O trabalho continua por doze meses e encerra-se esta fase do plano.

Os resultados positivos já começam a aflorar em todos os pontos da Terra. Diria que um tempo de Paz teve o seu inicio. Agora só resta esperar o resultado final.

A primeira grande mudança em toda a Terra é nos meios de comunicação. Estes agora são usados para a educação e um bom lazer apenas, nada de violência, propagandas enganosas, mas sim a educação e a religião verdadeiras em primeiro lugar. Somente com essa mudança, o mundo já se encontra mais calmo, menos ansioso.

Outra grande mudança é quanto ao modo de governo. Introduziu-se em toda a Terra um único modelo, onde o social

estava em primeiro lugar, o ser humano sempre à frente. O “ser” foi realçado e o “ter” foi aniquilado.

Uma única religião foi implantada no planeta, não que as outras fossem extintas. Ocorre uma grande união de todas elas e o Papa continua como o líder de todas.

Finalmente a PAZ tem o seu início.

Voltamos finalmente para a montanha. O mundo não precisa mais da nossa ajuda e a vida volta ao normal entre os monges, que agora residem em um novo lugar, na antiga aldeia.

Ensinamos a eles tudo o que sabemos e depois de dez anos vivendo juntos, começa o nosso processo de transmutação.

Mais uma jornada, mais uma aventura...